



*Dividindo as
urgentes trevas*

21

A EDUCAÇÃO
ADVENTISTA...
O que é?

32

A CASA ERRADA NO
MOMENTO CERTO
Sorte?!

36

DESÍGNIOS DE DEUS
A sincronia perfeita.



3⁺Discípulo

Vem e Segue-me

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **António Amorim**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E. R. C.
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

 **Igreja Adventista
do Sétimo Dia**

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora ServVir, S. A..

abril

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	31	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

02-04 CAMPANHA *O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA* (NTP) / ENCONTRO NACIONAL DA REDE *NEWSTART*

03 DIA DE JEJUM E ORAÇÃO

10 DIA DOS AMIGOS DA ESCOLA SABATINA / FORMAÇÃO PARA DIRETORES DE MORDOMIA (*ZOOM*)

11 CONCERTO SOLIDÁRIO ADRA

17 DIA DA EDUCAÇÃO

18 SAL

23-25 FORMAÇÃO SOBRE DEPENDÊNCIAS (SAÚDE&TEMPERANÇA/ MIN. MULHER/M. FAMÍLIA)

24 DIA DAS NECESSIDADES ESPECIAIS

30-2/5 ENCONTRO DE CASAIS (CONTINENTE)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/3-2 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA FRANCO-ITALIANA (SWU)

5-9 ESCRITÓRIOS NACIONAIS DA ADRA (EUD)

12-16 REUNIÃO DE PRIMAVERA DA CONFERÊNCIA GERAL (GC)

19-23 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE COLLONGES, EM FRANÇA (EUD)

26-30 UNIÃO AUSTRIACA (ATU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[19] SEGUNDA-FEIRA

[c] CAMINHOS

[25] DOMINGO

maio

D	S	T	Q	Q	S	S
[25]	26	27	28	29	30	1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31	1	2	3	4	5

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

01 DIA DA ADRA

02-08 CAMPANHA ANUAL DE SOLIDARIEDADE (ADRA)

09 mApAs (NORTE): FORMAÇÃO "IGREJAS ACOLHEDORAS" (ZOOM)

15 DIA DA ÊNFASE NA SAÚDE

16 SAL

17-19 FORMAÇÃO DE INICIAÇÃO À COLPORTAGEM

22 DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS CRIANÇAS EM RISCO

22 E 23 EFJA – NÍVEL III

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

3-7 REUNIÃO DE MEADOS DO ANO DA EUD

10-14 CLÍNICA *LA LIGNIÈRE* (EUD)

17-21 CASA PUBLICADORA CHECOSLOVACA *ADVENT ORION* (CSU)

24-28 INSTITUTO TEOLÓGICO SAZAVA (CSU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[6] QUINTA-FEIRA

[10] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[c] RTP2 ENTRE AS 10:00 E AS 10:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

04

EDITORIAL

Cristo, a Nossa Páscoa

35

ESPÍRITO DE PROFECIA

Páscoa: O Sangue Protetor

O poder do sangue de Deus presente na nossa vida.

36

TESTEMUNHO

Desígnios de Deus

Quando a Providência intervém na nossa vida.

38

PÁGINA DA FAMÍLIA

Coisas simples da vida

A felicidade está unida à simplicidade.

40

ESPAÇO JUVENIL

A Última Ceia

Celebra a Páscoa com Jesus.

43

Notícias Nacionais



DESCOBRIR

06

Dividindo as urgentes trevas

Um encontro pascal com o Senhor da Vida.

15

Leia Salomão diariamente

Aprenda com o mais sábio dos reis.



DESENVOLVER

21

A Educação Adventista: Cultura de interesse, vínculo e compromisso

As razões que fazem da Educação Adventista uma necessidade.

26

ADN de Heróis

Conheça o novo projeto educativo trienal da REASD.



DAR

32

A casa errada no momento certo

Deus em busca de uma família.



EDITORIAL

Pr. António Amorim

Presidente da UPASD

Cristo, a Nossa Páscoa

“Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós.

“Por isso fazemos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os ázimos da sinceridade e da verdade.” I Coríntios 5:7 e 8.

A Páscoa era, para os Judeus, um memorial da libertação da escravatura do Egito e do início da peregrinação rumo à Terra Prometida. Era também uma festa de expiação dos pecados, através dos rituais dos holocaustos. João, no seu Evangelho, pela forma como se refere à Páscoa, como “Páscoa dos judeus” (João 2:13; 6:4; 11:55), denota uma fase de transição entre a Páscoa judaica e a Páscoa cristã. O apóstolo Paulo, o teólogo bíblico, assume, em I Coríntios 5:7 e 8, a transição do foco da Páscoa, da data festiva, para a Pessoa de Jesus Cristo: “Jesus Cristo é a nossa Páscoa.” Jesus Cristo é o cumprimento da Páscoa, a sua plena e total encarnação. Jesus Cristo é o Libertador, o Companheiro na peregrinação terrestre em direção à Nova Jerusalém. Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus, imolado para fazer a remissão dos pecados de toda a Humanidade. Porque Deus te ama, enviou o Seu Filho amado para morrer por ti. Porque Jesus te ama, levou sobre Si os teus pecados e morreu no teu lugar. Qual é o efeito prático para o Discípulo do facto de Jesus Cristo ser a Páscoa?

Jesus Cristo é a materialização da graça salvadora de Deus. Jesus Cristo é a mão da Graça divina estendida à Humanidade, para que a mão da fé do crente possa agarrar e ser salvo (Efésios 2:8). A Páscoa cristã lembra aos verdadeiros e genuínos Discípulos de Jesus Cristo que eles estão salvos. Jesus morreu por nós e ressuscitou como garantia da Vida Eterna. Esta certeza transmite-nos uma alegria sustentada e anima-nos a não quebrarmos essa ligação pela desobediência. A alegria da salvação é incondicional, ilimitada e não transtornável (Filipenses 4:4). Esta alegria é o resultado do profundo sentido de libertação do pecado e da sua consequência final de condenação.

Da mesma forma que Cristo revestiu a Sua divindade com a nossa humanidade (Filipenses 2:3-8), Ele quer revestir a tua humanidade com a Sua divindade. Jesus Cristo quer que tenhamos o mesmo sentimento pascal que O motivou, inspirou e impulsionou, o sentimento altruísta do sacrifício para a salvação de outros. Como Cristo é a “Nossa Páscoa”, cada dia é uma oportunidade para fazermos a festa genuína e autêntica da salvação oferecida por Jesus Cristo, e de uma nova vida com Ele e para Ele. A melhor maneira de fazermos esta festa é vivermos a alegria da salvação, procurando ser semelhantes em caráter e em missão.

PROJETOS EDUCATIVOS
REASD'21-24



INTEGRA

Integrar e servir todos,
em especial os mais frágeis

CELEBRA

Celebrar a vida com alegria!

PENSA

Pensar com profundidade
e promover a individualidade

HERÓI

CUIDA

Cuidar de si, dos outros e do Planeta

EXPLORA

Explorar com curiosidade
e aprender pela descoberta



**Com Deus, os Heróis são
ousados e fortes,
corajosos e fiéis!**

Josué 1:9.

EDUCAR PARA A ETERNIDADE

WWW.ADVENTISTAS.ORG.PT/ORGANIZACAO/INSTITUICOES

INSCRIÇÕES ABERTAS!

**COLÉGIO ADVENTISTA
DE SETÚBAL**

1º Ciclo do Ensino Básico

Rua Latino Coelho, 4 e 8

2900-105 Setúbal

Tel.: 265 533 277

Telem.: 963 631 370

colegioadventista.setubal@adventistas.org.pt

www.cas.org.pt



ARCO-ÍRIS

**Bercário, Creche
e Pré-Escolar**

Rua Manuel Gonçalves Branco, Lote 231

2910-020 Setúbal

Tel.: 265 708 700 / 969 634 495

arcoiris@asa.org.pt



**COLÉGIO ADVENTISTA
DE OLIVEIRA DO DOURO**

**Pré-Escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos
do Ensino Básico**

Rua de Jorgim, 166

4430-436 Vila Nova de Gaia

Tel.: 22 782 37 32

geral@caod.pt

www.caod.pt



**EXTERNATO ADVENTISTA
DO FUNCHAL**

**Pré-Escolar, 1º Ciclo
do Ensino Básico**

Rua Conde Carvalhal, 6A

9060-011 Funchal

Tel.: 291 281 567

externato.funchal@adventistas.org.pt



COLÉGIO DE TALENTOS

Creche, Pré-Escolar, 1º Ciclo

Rua Ponta Delgada, 1

1000-239 Lisboa

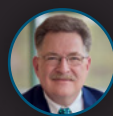
Tel.: 21 357 02 82

direcao@ctalentos.pt



DIVIDINDO AS URGENTES TREVAS

Porque tem a alvorada de esperar? Porque têm a luz e a esperança do dia de se estender para tão longe do nosso alcance? Se pudéssemos, estenderíamos a mão, agarraríamos a primeira luz cinzenta da manhã e puxá-la-íamos para nós, de modo a nos envolvermos na sua esperança e na sua alegria.



Bill Knott
Editor da Adventist Review

*Retirado da Adventist Review
de 25 de março de 2015.*

Já lhe chamaram as “urgentes trevas” – aquelas longas, lentas horas depois da meia-noite e antes da alvorada, quando nos sentamos e aguardamos, quando tememos e planeamos. São as horas em que a noite já perdeu todo o seu romance e todo o seu charme.

Às 3:00 horas, mesmo as estrelas parecem estar cansadas de brilhar e a Lua fica cada vez mais pálida ao deslizar para o Ocidente. O tempo fica suspenso em horas de cem minutos, enquanto nos sentamos ao lado de crianças doentes, combatendo a febre e o medo; enquanto estamos deitados numa cama sem sono, contando carneiros e contando embarços; enquanto lutamos com maquinaria no turno da noite; e respondemos ao chamado de pacientes que não conseguem dormir; enquanto fixamos as luzes de presença de camiões que fazem as entregas da noite.

Estas horas entre a meia-noite e a alvorada testam penosamente a paciência do mundo. Nós tropeçamos pelos corredores de casas escuras, procurando companhia em canais televisivos e em livros que antes eram capazes de nos adormecer, escondendo a dor e o desgosto que não nos deixam fechar os olhos.

Porque tem a alvorada de esperar? Porque têm a luz e a esperança do dia de se estender para tão longe do nosso alcance? Se pudéssemos, estenderíamos a mão, agarraríamos a primeira luz cinzenta da manhã e puxá-la-íamos para nós, de modo a nos envolvermos na sua esperança e na sua alegria. Mas a alvorada não está ao nosso alcance. A esperança não está ao nosso

As horas entre a meia-noite e a alvorada testam penosamente a paciência do mundo.

alcance. A luz está ainda a algumas horas de distância.

A urgência das trevas à espera da salvação. Poderia ser a última noite no Egito. Poderia ser a noite antes de um pai angustiado oferecer o seu filho em sacrifício numa montanha solitária. Poderia ser a noite em que Jacob lutou com o Anjo. Poderia ser o sono intermitente dos Discípulos sonolentos num jardim.

Poderia ser uma jovem mulher cansada, que vemos, labutando nestas horas escuras que antecedem a alvorada, a preparar especiarias para ungir o corpo frio e hirto do seu Senhor morto. Poderia ser Maria Madalena que nós vemos, a deixar cair lágrimas em frascos de perfume que irá novamente gastar com Ele.

Como tanta da sua história é a nossa história. Como esta mulher cansada, que labuta nas horas escuras, é parecida com tantos de nós, com a nossa esperança crestada e com o nosso coração quebrantado. Como sentimos a dor que ela sentiu quando perdemos alguém que amamos, alguém que era para nós a luz, a alegria, a vida, alguém que agora partiu e que está irrecuperavelmente perdido.

As nossas mãos percorrem as rotinas entorpecidas de prosseguirmos a nossa vida, de nos ajustarmos, de ultimarmos detalhes. Dobramos roupas; embalamos pertences; dizemo-nos mil

vezes que a vida tem de continuar, que a alvorada virá. E, despertados, aguardamos a primeira luz cinzenta que nos ajudará a nos libertarmos desta mágoa.

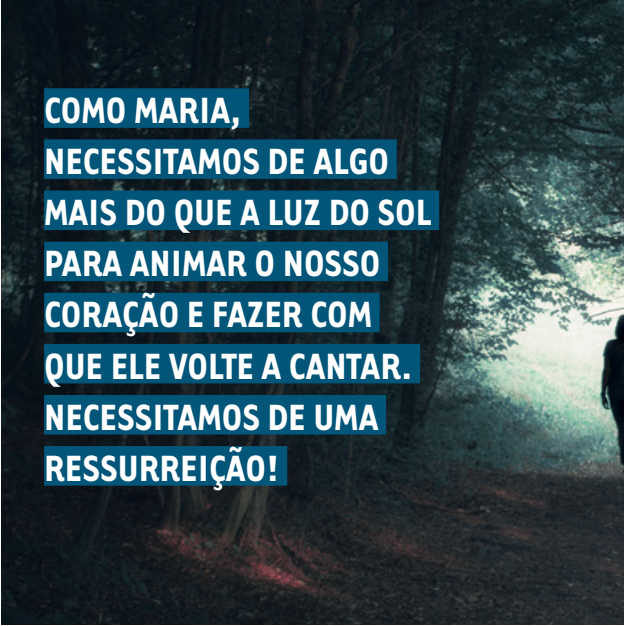
A sua história é a nossa história. Como ela, necessitamos de umas poderosas boas-novas. Como Maria, necessitamos de algo mais do que a luz do Sol para animar o nosso coração e fazer com que ele volte a cantar. Necessitamos de uma ressurreição!

DEVER E DESGOSTO

O Evangelho de João diz-nos que, nas primeiras horas da madrugada, nas urgentes trevas daquela fatal manhã de domingo, Maria de Magdala atravessou o portão ocidental da cidade e dirigiu-se para o novo sepulcro de José, no jardim. Outros relatos evangélicos sugerem que ela estava acompanhada por várias mulheres, incluindo Maria, a mãe de Tiago e de João, Salomé, Joana e outras mais. De facto, nenhum dos relatos dos Evangelhos é idêntico, com exceção do facto de que todos dizem que Maria de Magdala estava presente.

No entanto, apenas ela veio duas vezes, atraída pelo poder magnético da sua afeição por Jesus que nenhuma barreira de fria pedra poderia evitar. Apenas a mulher a que chamamos Madalena veio duas vezes ao jardim escuro para espreitar o buraco negro da noite. Ela simplesmente não conseguia ficar afastada.

Vemo-la agora nas trevas, subindo a senda do jardim, tentando equilibrar a sua carga de caras especiarias aromáticas, enquanto os seus pés tropeçavam nos arbustos e nas pedras. Lá em cima, em frente, por detrás de uma laje de



**COMO MARIA,
NECESSITAMOS DE ALGO
MAIS DO QUE A LUZ DO SOL
PARA ANIMAR O NOSSO
CORAÇÃO E FAZER COM
QUE ELE VOLTE A CANTAR.
NECESSITAMOS DE UMA
RESSURREIÇÃO!**

pedra, jazia o corpo d'Aquele a Quem ela devia a sua vida. Lá em cima, no recesso frio do sepulcro de José, estavam as mãos quietas e paradas que tinham tantas vezes abençoado. Os olhos estavam inchados e cerrados, lembrava-se ela. Os lábios que tinham por sete vezes expulsado os demónios da sua vida estavam agora frios e cinzentos. Ela tinha visto tudo no entardecer de sexta-feira – o corpo rígido e inerte de Jesus, ainda sangrando das feridas, ainda coberto por moscas persistentes, enquanto mãos bondosas O retiravam da Sua cruz e gentilmente O colocavam no sepulcro.

E no meio da mágoa quase histórica do entardecer de sexta-feira, ela tinha visto claramente qual era o seu dever: tinha a tarefa de se assegurar de que Ele tinha um sepultamento digno, de que o Seu corpo era ungido com óleos aromáticos, com incenso e com mirra. Mas, como qualquer pessoa de luto, em qualquer momento da História, ela descobriu, à medida que tropeçava pelo caminho do jardim, que a sua mente não estava a trabalhar



normalmente, que os detalhes estavam a escapar-lhe no dilúvio da mágoa insuportável. De qualquer forma, no que estava ela a pensar? Como é que ela persuadiria os guardas que tinham sido colocados ali para que lhe permitissem fazer a sua boa obra? E, mesmo se eles lhe dessem de má vontade tal permissão, quem estaria ali para mover a pesada pedra que tapava a entrada do sepulcro? Era uma tarefa para três ou quatro dos muscudos pescadores de Jesus.

A frustração provocada pelo fracasso antecipado abrandou-lhe os passos ao aproximar-se do sepulcro. Tinha sido uma tarefa tola aquela que ela se tinha proposto fazer; uma tarefa que refletia muito mais o seu coração do que a sua cabeça. Tendo tido todo este trabalho, tendo passado toda a noite a preparar-se para cumprir o seu dever, ela tinha descurado os detalhes mais óbvios.

O TERROR DO VAZIO

Podemos apenas imaginar como o seu pulso deve ter acelerado e como o

seu cabelo se deve ter eriçado na sua nuca quando ela esticou os braços para tocar na pedra gigante na escuridão e descobriu que ela não estava lá. As suas mãos tatearam em busca da rocha sólida e inamovível e não a encontraram. O terror e o pânico precipitaram-se das trevas e esmagaram-na ali em frente ao sepulcro de José.

Onde estavam os guardas? Onde estava o selo, o selo do Sinédrio, que ela tinha visto ser colocado com tanta cerimónia? E onde estava a pedra? Há alguns momentos, ela parecia uma barreira que a mantinha de fora e a impedia de alcançar Jesus. Agora ela sentia que a pedra era como que a sua melhor amiga, um portal protetor, pois, embora a mantivesse afastada, também mantinha o corpo de Jesus fora do alcance dos Seus inimigos.

Ela recuou para longe daquele lugar terrível, a sua mente a cogitar as mais terríveis possibilidades. Tinham os Seus inimigos roubado o Seu corpo para de novo zombarem d'Ele? Tinham alguns enlouquecidos seguidores d'Ele levado o Seu corpo para impedir os Seus inimigos de fazerem algo ainda pior? Já não bastava que Ele estivesse morto? Não poderia haver dignidade para o Senhor a Quem ela amava? Estava Ele destinado a ser para sempre um pária, mesmo na Sua morte?

Ela fugiu pela senda abaixo, em direção à cidade, correndo perigosamente, descuidadamente, por onde há apenas alguns momentos tinha subido lentamente nas trevas. Ela conseguiu pronunciar algumas palavras coerentes a Pedro e a João na escada de uma casa da cidade – “Estive agora mesmo

no jardim, a pedra foi removida, penso que o Seu corpo foi roubado e os guardas desapareceram”!

Os dois Discípulos não se detiveram para reunir os restantes; mas partiram correndo de modo tão louco em direção ao sepulcro como ela tinha corrido para longe dele. Não bastava que ela o tivesse visto: eles tinham de vê-lo por si mesmos. Tinham de sentir o horror e o desamparo por si mesmos. Maria levou alguns momentos a perceber que nada havia para ela em Jerusalém. Ocupada ou vazia, aquela terrível caverna no rochedo era o último lugar onde ela tinha visto Jesus. O Seu corpo poderia ter desaparecido, mas as memórias sepultadas no sepulcro de José eram as últimas coisas sólidas a que a sua mente sobrecarregada se podia agarrar. Ela virou-se e, ofegante e sem fôlego, apressou-se a voltar pelo caminho que tinha acabado de percorrer.

Nalgum lugar, lá em cima nas urgentes trevas, olhos vigiavam toda esta correria com um certo “divertimento” divino. Corridas para aqui e para ali; buscas frenéticas; partidas e chegadas igualmente frenéticas. Se o Senhor necessitava de uma ilustração de como estas pobres e frustradas almas realmente O amavam, Ele percebeu-a nos pés apressados naquela manhã escura de domingo.

Quando Maria alcançou o sepulcro de novo, Pedro e João já tinham desaparecido. João diz-nos que, pelo menos, eles tinham entrado no sepulcro, tinham visto os panos dobrados com cuidado e as ligaduras cuidadosamente enroladas. Eles tinham confrontado as evidências de uma partida planeada e

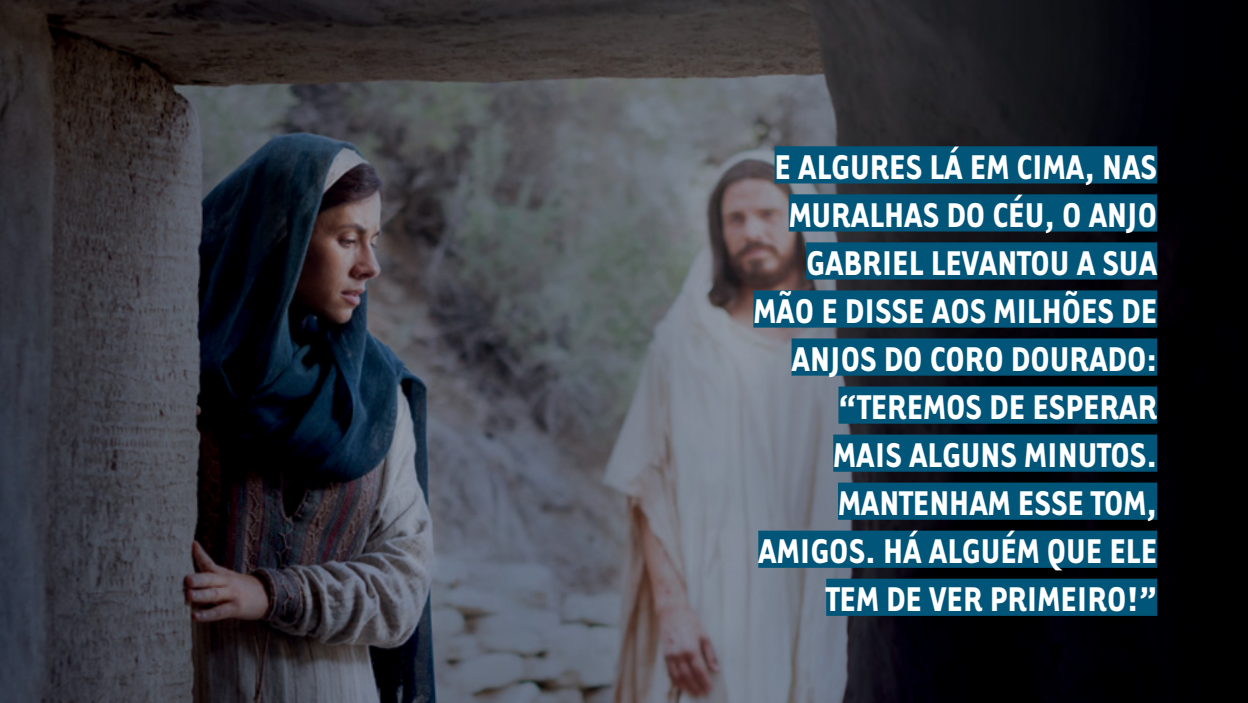
sem pressa. Quem teria tomado tempo para dobrar os panos ou enrolar as ligaduras, se estivesse a roubar um corpo? Quem se preocuparia em ser organizado, se estivesse a tentar roubar um cadáver a coberto das trevas?

O NEVOEIRO DAS LÁGRIMAS

Maria, porém, não encontrou o consolo que eles encontraram. João diz-nos que, quando chegou de novo à negra abertura na colina, ela chorava. Não era o desgosto provocado pela mágoa; nem era mesmo o duro senso de perda. Eram lágrimas de absoluta frustração. Ninguém, absolutamente ninguém, ficaria ao seu lado para lhe explicar o que estava a acontecer. Nem Pedro. Nem João. Nem Jesus. Ela ali ficou, chorando incontrolavelmente, abalada até ao seu âmago pelo absurdo de tudo o que estava a acontecer ao seu redor. Com aquele sepulcro vazio, todo o mundo estava vazio para ela. Com aquela pedra removida, toda a ordem, toda a razão, também tinham desaparecido.

Tão grande foi a sua distração, tão distorcedoras eram as suas lágrimas, que mesmo a visão de anjos sentados no sepulcro não a espantou. O seu coração estava tão cheio de frustração que não tinha lugar para a admiração. Quando eles lhe perguntaram porque chorava, ela tinha apenas um pensamento: “Eles levaram o meu Senhor.” Não o Senhor de Pedro, ou o Senhor de João, ou o Senhor de André, ou o Senhor de Filipe, ou, sequer, “o nosso Senhor”, mas “o meu Senhor”, como se mais ninguém sentisse a perda tanto como ela.

Mas Maria estava a ser observada por outros olhos que não os de anjos.



E ALGURES LÁ EM CIMA, NAS MURALHAS DO CÉU, O ANJO GABRIEL LEVANTOU A SUA MÃO E DISSE AOS MILHÕES DE ANJOS DO CORO DOURADO: “TEREMOS DE ESPERAR MAIS ALGUNS MINUTOS. MANTENHAM ESSE TOM, AMIGOS. HÁ ALGUÉM QUE ELE TEM DE VER PRIMEIRO!”

Maria estava a ser escutada por outros ouvidos que não os de anjos. O Amor com pés feridos e com mãos marcadas por cravos estava a caminhar pelo jardim orvalhado naquela manhã. As lágrimas amargas que desciam pelo rosto de Maria encontraram o seu par nas lágrimas de alegria nos olhos de Jesus, quando Ele viu o quanto ela O amava.

Durante o Seu Ministério, Jesus tinha prometido que “aquele que me ama será amado pelo meu Pai, e eu amá-lo-ei e me manifestarei a ele”. Era uma promessa que Ele não poderia quebrar. Era um momento que Ele não podia deixar passar. Jesus era completamente incapaz de deixar na solidão alguém que O amava tanto. Ele não podia continuar a observar friamente enquanto aquela mulher estava a procurar por Ele tão ansiosamente. E algures lá em Cima, nas muralhas do Céu, o anjo Gabriel levantou a sua mão e disse aos milhões de anjos do coro dourado: “Teremos de espe-

rar mais alguns minutos. Mantenham esse tom, amigos. Há alguém que Ele tem de ver primeiro!”

A grande procissão através da Via Láctea foi suspensa. Os milhares e as miríades que esperavam para escutar o Senhor de volta ao trono do Seu Pai receberam a ordem de se manterem em espera. Havia ainda um ministério a executar, mesmo neste grandioso momento. Havia um coração quebrantado que necessitava de cura, e o Céu teria que esperar! Uma mulher solitária e desgostosa importava mais para Jesus do que toda a alegre celebração que o Céu podia inventar para Lhe dar as boas-vindas de volta ao Lar.

Ele não Se revelou imediatamente àqueles que seriam as escolhas óbvias. Ele não procurou Pedro; embora Pedro estivesse destinado a ser um líder na Igreja e um mártir da fé. Ele não procurou João, o Discípulo que Ele amava especialmente; aquele que tinha estado perto d’Ele no julgamento e na cruz;

aquele que tinha prometido cuidar fielmente da mãe de Jesus. Ele não percorreu as ruas de Jerusalém para descobrir onde André, Filipe e Tomé estavam escondidos com medo. Ele dirigiu-Se aonde era mais necessário. Ele dirigiu-Se àquela que O amava mais.

Raios de cinza e rosa dividiam o céu oriental quando Maria ouviu aqueles passos atrás dela no caminho. Ela viu ao seu redor os sinais da manhã que se aproximava rapidamente e concluiu logicamente que a primeira pessoa a ir ao jardim numa bela manhã de primavera seria o próprio jardineiro.

Por entre as suas lágrimas, ela podia apenas ver a figura de um homem, e prestou-Lhe ainda menos atenção do que tinha prestado aos anjos. Mesmo quando Ele lhe perguntou porque chorava e por Quem procurava, a fixação dela em Jesus impediu-a de ver Quem estava diante dela: “Se o levou para outro lado, diga-me onde o pôs e eu irei buscá-lo.” Ela sabia qual era o seu dever; ela sabia qual era o seu papel nesta tragédia. O seu trabalho era ungir o corpo frio e morto. O seu papel era velar pelo seu Senhor morto.

Mas Jesus tinha outros planos para esta mulher, e tudo o que Ele ti-

O Seu triunfo sobre a morte é tornado mais completo porque os Seus braços estão sempre abertos: recebendo pecadores, dando as boas-vindas a pecadores, abraçando pecadores, amando pecadores!

nha de dizer era o seu nome. “Maria”, “Maria”!

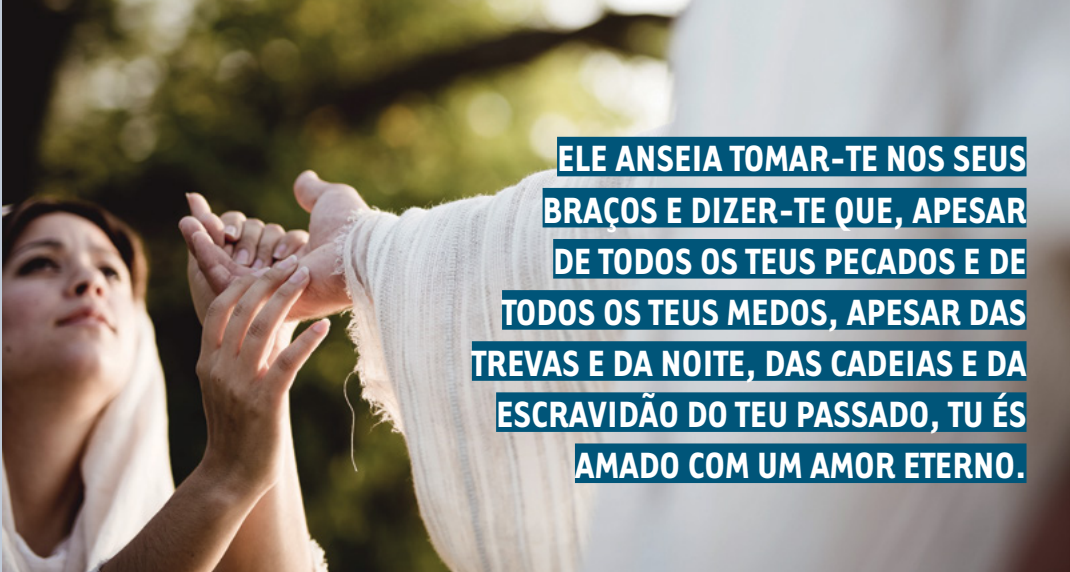
O simples soar do seu nome foi o suficiente para Lhe dizer que ali estava Alguém que a conhecia bem; mas houve uma reagente emoção no seu coração e um despertar de antigas memórias que Lhe disseram a Quem pertencia aquela voz. Aquela voz tinha algum tempo antes expulsado os espíritos maus que tinham governado a sua vida e, de novo, a mesma voz trouxe-a das trevas para a Sua maravilhosa luz. Depois de ser a pessoa mais miserável no mundo, graças a uma palavra, graças ao som do seu nome nos lábios de Jesus, Maria tornou-se na mais feliz criatura viva.

Maria não teve tempo para raciocinar ou para duvidar. Com uma rápida exclamação de alegria, ela lançou-se na direção de Jesus e caiu aos Seus pés. “Mestre”, clamou ela. “Mestre!” “Oh, meu querido, amado, maravilhoso, vivo Mestre!”

UM SENHOR ABRAÇÁVEL

O que Lhe disse Jesus? Pronunciou Ele aquelas palavras austeras que a tradução de *João Ferreira de Almeida* Lhe atribui: “Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai”? Haveria alguma coisa no contacto com esta mulher a quem Ele perdoara sete vezes que O desajustasse de ir à presença do Seu Pai?

Era Ele, de facto, um Senhor que não podia ser tocado, um Senhor que, depois da Sua ressurreição, atravessava paredes, uma imagem transparente do que Ele tinha sido antes da Sua morte? Ou, de facto, temos visto esta velha história durante todos estes anos através



**ELE ANSEIA TOMAR-TE NOS SEUS
BRAÇOS E DIZER-TE QUE, APESAR
DE TODOS OS TEUS PECADOS E DE
TODOS OS TEUS MEDOS, APESAR DAS
TREVAS E DA NOITE, DAS CADEIAS E DA
ESCRavidÃO DO TEU PASSADO, TU ÉS
AMADO COM UM AMOR ETERNO.**

da nossa visão desfocada, à meia-luz de uma imagem mística de Jesus?

As traduções mais recentes das Escrituras realmente refletem melhor a língua original. E se tiver uma destas novas versões, verá que aquilo que Jesus deve ter, de facto, dito a esta mulher exuberantemente feliz foi: “Maria, tens de deixar de Me deter aqui.” “Maria, tens de deixar de Me agarrar.” “Maria, há um bilião de anjos que aguardam que Eu volte ao Lar e saúde o Meu Pai. Há um coro gigantesco lá em Cima que aguarda apenas o sinal da mão de Gabriel, e realmente não podemos fazê-los esperar mais tempo.”

Não era qualquer desconformidade em Maria enquanto pecadora que preocupava Jesus: o que se passava é que, por mais preciosa que ela fosse para Ele, havia Aquele a Quem Ele devia uma lealdade ainda maior. Antes de que Ele Se permitisse ser abraçado pelos homens e pelas mulheres mortais que O amavam tão profundamente, Ele queria – sim, necessitava – o abraço do Pai, que O tinha amado por toda a eternidade. Maria não sentiu

qualquer desprezo ou qualquer repulsa no apelo simpático de Jesus para que ela O deixasse ir. Ela tinha na alma a profunda certeza de que haveria tempo suficiente para saudações e abraços nos 40 dias que estavam diante dela.

O Senhor da Escritura, o Senhor da Ressurreição, o Senhor daquela ofuscante manhã que divide a História em duas partes, não era uma divindade antissética “não-Me-toques” tentando distanciar-Se dos pecadores.

A Sua pureza não é maculada pela nossa pecaminosidade. A Sua santidade não fica comprometida pelo contacto connosco. O Seu triunfo sobre a morte é tornado mais completo porque os Seus braços estão sempre abertos: recebendo pecadores, dando as boas-vindas a pecadores, abraçando pecadores, amando pecadores!

Seja o teu nome Maria, Mateus, Joana, Salomé ou Samuel, estás ao serviço de um Senhor completamente abraçável! Ele anseia tomar-te nos Seus braços e dizer-te que, apesar de todos os teus pecados e de todos os teus medos, apesar das trevas e da noite, das

cadeias e da escravidão do teu passado, tu és amado com um amor eterno.

Tu és a Sua propriedade e a Sua alegria mais valiosa. Tu és aquele que faz o Seu coração bater mais rapidamente. Tu és aquele que Ele anseia confortar; aquele com quem Ele anseia falar. Tu és aquele por causa de quem Ele nasceu; tu és aquele por causa de quem Ele morreu; tu és aquele por causa de quem Ele ressurgiu dos mortos. E Ele diz-te que vive para sempre para interceder por ti. Se alguma vez houve uma boa-nova merecedora de celebração, é esta!

Mais ninguém em toda a História foi capaz de trazer luz a partir das trevas como este Homem. Nem Confúcio, nem Buda, nem Marx, nem Maomé, nem Moisés, nem Freud. Nenhum deles pôde trazer a luz, porque nenhum deles era a Luz.

Apenas Jesus pôde declarar com justiça: “Eu sou a luz do mundo.” Apenas Ele pôde abrir a prisão, onde temos estados agrilhoados pelos nossos pecados, com a maravilhosa boa-nova da libertação e do perdão, do poder e da paz. Somente Ele pôde triunfar sobre a morte e sobre o inferno, porque apenas Ele provou o seu poder.

Este mundo ferido e desesperado em que vivemos precisa desesperadamente da história da Sua ressurreição. Este Planeta escuro e desgostoso, destruído pela guerra, devastado pela fome, ameaçado pela autodestruição, implora pelas boas-novas daquela manhã de domingo. Ao nosso redor, homens e mulheres estão em busca das novas de que, em Jesus Cristo, nós temos não um Deus distante, frio, galáctico, mas o Senhor vivo e amável de todos nós. Um Senhor que está de braços abertos para receber e para abraçar cada um de nós.

Por causa da ressurreição de Jesus, os Cristãos têm um hino para cantar.

Por causa da ressurreição de Jesus, os Cristãos têm boas-novas para celebrar.

Por causa da ressurreição de Jesus – porque Ele iluminou as urgentes trevas, porque Ele trouxe vida e luz e esperança para todos – nós, os crentes, lançamos este desafio escarnekedor contra os próprios dentes do Inferno:

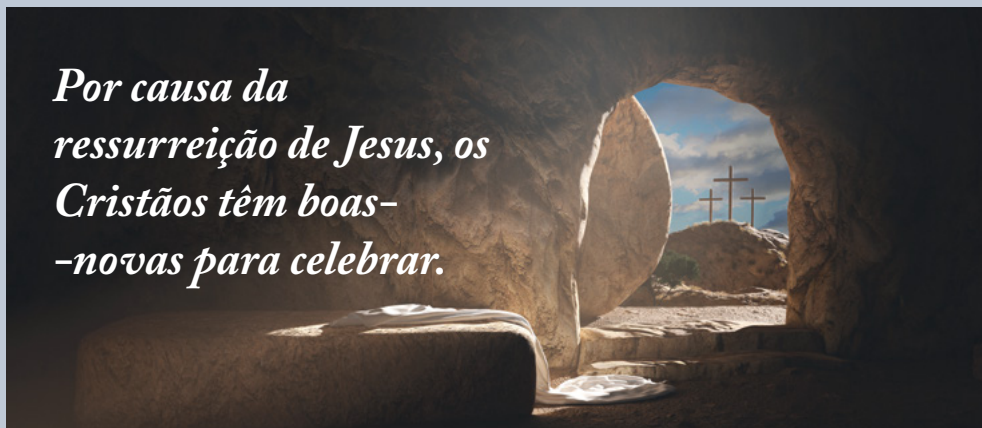
“Tragada foi a morte na vitória.”

“Onde está, ó inferno, a tua vitória?”

“Onde está, ó morte, o teu aguilhão?”

Graças sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória através de Cristo, o nosso Senhor, pois Jesus está vivo!

*Por causa da
ressurreição de Jesus, os
Cristãos têm boas-
-novas para celebrar.*



LEIA SALOMÃO DIARIAMENTE

As recomendações salomônicas, nascidas ao longo da observação do cotidiano, constituídas há três milênios, continuam vigentes.



Ruben Dargã Holdorf
*Professor-Associado
do Bacharelado em Jornalismo
do Unasp-EC*

Não me enganei. Não quis escrever *Provérbios*. Para quem desconhece, Salomão foi o terceiro e último monarca do reino unido de Israel, o qual governou durante quarenta anos, de 966 a 926 antes de Cristo. A despeito da escolha pela sabedoria, cujo pedido recebeu aval divino, a genética também colaborou no desenvolvimento da inteligência do rei. Provavelmente, herdou o talento poético do pai, o rei David, e produziu uma série de tiradas e de pensamentos atualizadíssimos, expressos não apenas no livro bíblico de *Provérbios*, mas também em *Eclesiastes* e em *Cantares* – conhecidos como o Livro do Pregador e o Cântico dos Cânticos. As orientações de Salomão não se resumem somente aos *Provérbios*, não obstante ser esta a principal obra

do sábio israelita. Daí a possibilidade de estendermos a consulta aos outros livros mencionados para lermos Salomão.

As recomendações salomônicas, nascidas ao longo da observação do cotidiano, constituídas há três milênios, continuam vigentes. Por si só, a curiosidade deveria receber uma dose de endorfinas e motivar-nos a investirmos algum tempo nos versos de filosofia e de educação, pura sabedoria. Salomão navega na instrução de jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, pobres e abastados, cultos e incultos, casados e solteiros, educadores, engenheiros, médicos, advogados, jornalistas, publicitários, psicólogos, teólogos, administradores, políticos, governantes, empresários, empregados, juízes e réus, amigos e inimigos.

**NO FINAL DE
ECLESIASTES, O SÁBIO
REI ACONSELHA AOS
JOVENS PRUDÊNCIA,
EQUILÍBRIO,
TEMPERANÇA,
POIS OS EFEITOS
NEGATIVOS EMERGIRÃO
POR OCASIÃO DO
ENVELHECIMENTO.**



É bem verdade que não aparecem no texto referências a estas modernas carreiras, mas torna-se óbvio, pela leitura introspectiva, que as indicações atendem aos propósitos e às necessidades destes e de outros profissionais. No quinto versículo do capítulo 18 de Provérbios, Salomão adverte contra a parcialidade. Isso pode aplicar-se não apenas à Justiça, mas também à Imprensa, de cujos princípios emerge a necessidade ideal da imparcialidade, mesmo conhecendo de antemão tal impossibilidade. Acrescente-se aqui o tratamento dos filhos, diante dos alunos e durante as decisões no trabalho – seja ele público ou privado.

MULTICULTURAL E ATEMPORAL

A riqueza destes adágios extrapola Culturas, posições sociais, atividades profissionais, faixas etárias, gênero, crenças e tempo. Em Eclesiastes, Salomão lança no rosto de cada um a máxima de que “tudo é vaidade”. Porque fez ele tal afirmação categórica a respeito da repetição dos factos, dos bens materiais, da carreira, da efemeridade da vida e até mesmo da própria sabedoria? Acredito que Salomão já tivesse noção de que nenhum bem físico construído, adquirido ou conquistado alcançaria a perenidade. Apenas o caráter. Nem mesmo o corpo. No final de Eclesiastes, o sábio rei aconselha aos jovens prudência, equilíbrio, temperança, pois os efeitos negativos emergirão por ocasião do envelhecimento.

O livro Provérbios de Salomão revela a essência dos procedimentos humanos de acordo com os padrões morais dos tempos da monarquia he-

braica. Trata-se de verdadeiras lições para a vida. Apesar dessa distância temporal, elas também se ajustam às condições da Sociedade contemporânea. No primeiro Livro dos Reis consta que Salomão “compôs três mil provérbios”. Antes de iniciar as considerações filosóficas sobre a vida, o autor enfatiza a identidade dele como “filho de David, o rei de Israel”, a fim de evitar qualquer dúvida quanto à originalidade da produção literária.

Os seis versos seguintes do preâmbulo do primeiro capítulo de Provérbios explicam para que servem os adágios salomônicos, qual a sua utilidade. Existe uma lógica que amarra as argumentações como os elos de uma corrente. A princípio, Salomão redigiu-as para as pessoas aprenderem “a sabedoria e o ensino” e para entenderem “as palavras de inteligência”. Ao separar a sabedoria, o ensino e a inteligência, denotam-se significados específicos para cada um dos termos.

VALOR DA EDUCAÇÃO

Para ser sábio, há necessidade do ensino. A primeira lição partilhada é a “do bom proceder”, cujos resultados se contemplam na justiça, no juízo e na equidade. Age bem quem exerce a justiça, apresenta responsabilidade e equilíbrio no desempenho das tarefas e das decisões. Por que razão isso demonstra ser importante para a vida das pessoas? Para impedir os indivíduos de se exaltarem, tornando-os mais humildes, “para dar simples prudência” aos adultos “e aos jovens, conhecimento e bom siso”. Fica claro que os jovens precisam de conhecimento e de sensatez diante de situações

embaraçosas. Resta saber o motivo de os adultos, ou aqueles com mais sabedoria, serem também prudentes.

Salomão ressalta que a prudência não vem num formato acabado, mas representa um conjunto de etapas menores. Daí a orientação para que se “cresça em prudência [...] e o instruído adquira habilidade para entender provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios”. Somente quando se teme o Senhor é que se pode adquirir a habilidade na interpretação de provérbios, pois aqui se encontra o princípio do saber. Quem não segue essas recomendações e despreza “a sabedoria e o ensino” é chamado louco. Louco é aquele que rejeita a inteligência, que não demonstra equilíbrio diante dos problemas que se levantam no percurso da vida.

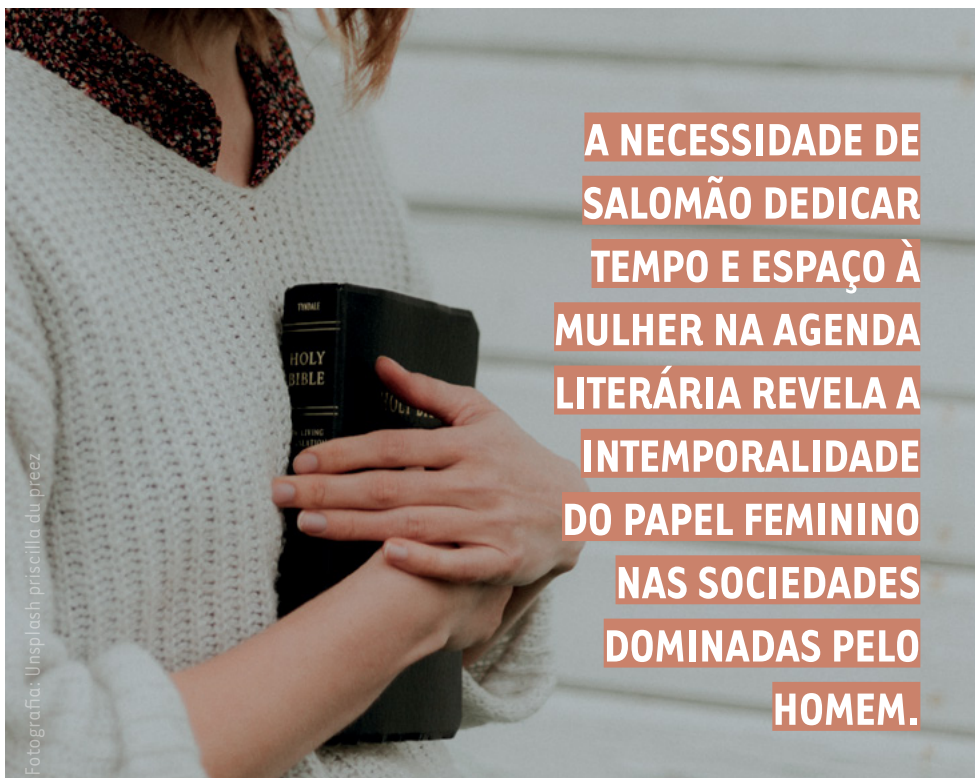
Ao continuar a leitura, percebe-se que Salomão está a discorrer a respeito da preocupação com os loucos, a quem eles devem ouvir e quem têm de negar. Loucos são aqueles que se precipitam nas ações. Os atos impensados ou não-refletidos podem ceder espaço para a atuação sedutora dos pecadores. Os pecadores mostram-se hábeis manipuladores. Por isso, a primeira admoestação chama a atenção para a necessidade de escutar e praticar as instruções transmitidas pelos pais. Trata-se de uma confirmação do quinto Mandamento da Lei de Deus, solicitando que se honre os progenitores. A promessa do quinto Mandamento para aqueles que honram os pais é a de que os dias dos filhos obedientes se prolongarão, facto confirmado por Salomão no terceiro capítulo. Ainda no primeiro capítulo, Salomão emprega metáforas para descrever as

recompensas pela obediência dos filhos: “diadema de graça” para a cabeça e “colares” para o pescoço. O diadema era um ornamento decorativo revestido por pedras preciosas ou por ouro, comum nas cabeças reais, sinal de nobreza.

A educação recebida por meio dos pais ergue barreiras contra as seduções contrárias às instruções familiares. Por isso, a advertência para que ninguém educado nos caminhos do Senhor aceite quaisquer sugestões de pecadores. Tal recomendação demonstra vividamente a influência positiva do alerta paternal de David presente no primeiro Salmo, no qual ele aconselha o justo a não se deixar influenciar, a não se deter no caminho, nem se assentar junto aos ímpios. Não se trata de uma separação social, étnica, religiosa, intelectual, mas sim de impedir a contaminação com os hábitos e com as atitudes perniciosas.

ESPAÇO DA MULHER

Injustiçada ao longo da História em todos os tempos e lugares, a mulher merece destacado espaço nas sábias linhas salomónicas. Em Cantares, não há estímulo à violência contra a mulher. Ela recebe tratamento real. O autor prescreve o enaltecimento do companheirismo feminino, diante de nobres atos de amor, de carinho, de dedicação, de surpresa, de aventura, de relacionamento. Essa abordagem também se verifica no último capítulo de Provérbios, no qual se considera a virtuosidade da mulher. Presumivelmente, Salomão não detém o crédito desse epílogo do livro. Porém, há diferenças entre os nove primeiros versículos des-



**A NECESSIDADE DE
SALOMÃO DEDICAR
TEMPO E ESPAÇO À
MULHER NA AGENDA
LITERÁRIA REVELA A
INTEMPORALIDADE
DO PAPEL FEMININO
NAS SOCIEDADES
DOMINADAS PELO
HOMEM.**

te capítulo e os seguintes a partir do décimo, em cujas linhas o escritor elogia os traços de caráter femininos.

A necessidade de Salomão dedicar tempo e espaço à mulher na agenda literária revela a intemporalidade do papel feminino nas Sociedades dominadas pelo homem. Violência, humilhação, injustas restrições, estereótipos construídos e assassinatos asinam parte dessa questão. O debate em torno das conflagrações humanas estende-se à compreensão do outro em diferentes dimensões.

FIO DO BIGODE

A fim de a insanidade não se incorporar no cenário social, aconselha-se o cultivo de duas virtudes: generosidade e fidelidade. Acrescente-se a ambas

a advertência de jamais discutir com quem nunca me causou danos. Para não esquecer, ordena-se que as duas virtudes sejam atadas ao pescoço e sejam redigidas nas tábuas do coração. Determinados povos nativos da Papua-Nova Guiné acostumaram-se a pendurar o pé seco de um antepassado ao pescoço, semelhante a um colar. Eles não tinham fotografias para lembrar os parentes mortos ou quadros pintados com as saudosas fisionomias faciais.

Na Suméria, os registos encontrados em tabletes cuneiformes mesopotâmicas retratam muito mais as transações comerciais do que as atividades políticas. O comércio requeria documentação comprobatória dos negócios. Daí o imperativo da escrita. No tempo dos meus avós, em meados do

século passado, a palavra, a promessa, o tal “fio do bigode”, fechava a venda, a compra, a troca ou a prestação de um serviço. Para não olvidar a orientação da sabedoria, generosidade e fidelidade precisam de quotidiano exercício, cuja rotina se ajusta à modelação do caráter de cada praticante dessa máxima.

Quando Tiago, na sua carta do Novo Testamento, provoca o debate relativo aos resultados do mau uso da língua, deduz-se que a principal referência dele aponta para Provérbios. De acordo com o rei escritor, o pior desvio de personalidade notabiliza o vergonhoso, aborrecível e repulsivo papel do semeador de “contendas entre irmãos”. Em dezenas de versos, Salomão desnuda o caluniador, o difamador e o crítico mordaz, contrasta-os com o justo e apresenta uma longa lista contendo as consequências de tais aviltamentos, bem como o benéfico impacto de escutar a sabedoria e de manifestar equilíbrio, compaixão e empatia.

RUMO À FELICIDADE

Ler Salomão fez-me repensar a minha própria carreira. Não há arrependimento de escolha. Contudo, a partir do ponto de contacto com a sabedoria, a mudança de perspetiva tornou-se inevitável. De modo semelhante, esta aprendizagem ajustou-se perfeitamente aos relacionamentos familiares, entre amigos, entre colegas de trabalho, entre irmãos de fé e, acima de tudo, com o Criador e Mantenedor da vida.

Não acrescentei bens ao parco património, não progredi profissionalmente aos olhos da secularidade. Entretanto, sinto-me mais feliz, com

objetivos bem delineados para os próximos anos. Por isso ousou afirmar: a autoajuda é um engano. Chegar ao alvo não significa alcançar o pleno sucesso. A mudança de rumo e de pensamento estimulará o Leitor de Salomão a perceber quem realmente necessita do nosso auxílio. *Aí se encontra o sentido da existência.*

Há um objetivo para não referenciar os textos bíblicos atrás referidos. Que cada Leitor se sinta estimulado a buscar estes e outros trechos da sabedoria concedida pelo Criador. A leitura de Salomão desperta a curiosidade por outros autores, cujas obras contribuem para a construção do pensamento – escorado pela Palavra Divina –, das estratégias, dos propósitos, dos relacionamentos. Eis um argumento primário para as vantagens e para os benefícios do hábito de ler.

**CHEGAR AO ALVO NÃO
SIGNIFICA ALCANÇAR
O PLENO SUCESSO. A
MUDANÇA DE RUMO
E DE PENSAMENTO
ESTIMULARÁ O
LEITOR DE SALOMÃO
A PERCEBER QUEM
REALMENTE NECESSITA
DO NOSSO AUXÍLIO. AÍ SE
ENCONTRA O SENTIDO DA
EXISTÊNCIA.**

A EDUCAÇÃO ADVENTISTA: CULTURA DE INTERESSE, VÍNCULO E COMPROMISSO

“... onde está o rebanho que se te deu, o rebanho da tua glória?” (Jeremias 13:20.)



Paulo Sérgio Macedo
*Diretor do Departamento
de Educação da UPASD*



Quando se reflete e discute sobre a Educação Adventista, algumas questões que surgem com mais frequência relacionam-se com o seu contributo prático para a Missão da Igreja. E, dentro da Missão da Educação, formada pelos seus pilares Família – Igreja – Escola, há a considerar pontos setoriais importantes: Está a Educação Adventista a contribuir para que a mensagem cristã seja conhecida entre os alunos não-Adventistas e entre os seus familiares, bem como a favorecer a boa reputação da Igreja na Comunidade? É a Educação Adventista um meio útil de formação de líderes para a Igreja e para a Sociedade, que se constituam, eles próprios, como educadores para a eternidade? E, finalmente, favorece a Educação Adventista a manutenção dos jovens na Igreja do futuro?

A EDUCAÇÃO ADVENTISTA

É COMPOSTA POR TRÊS

PILARES: A FAMÍLIA, A

IGREJA E A ESCOLA.

O PROBLEMA E PARTE DAS SOLUÇÕES

A resposta a estas questões determinantes é, obviamente, sim.

Em primeiro lugar, importa repetir que, embora a Educação Adventista construa e forneça princípios e ferramentas para os três pilares que a compõem, a visão Adventista da Educação só é cumprida na sua plenitude quando os três são colocados ao dispor do educando no seu processo educativo. Mesmo assim, numa perspetiva setorial, é

inegável que as Escolas Adventistas – que, no seu conjunto, constituem a segunda maior rede educativa privada do mundo, com mais de 8000 estabelecimentos e cerca de dois milhões de alunos – contribuem para o conhecimento e reconhecimento dos Adventistas nos locais onde estão inseridas e é também inegável que, anualmente, milhões de crianças de famílias não-Adventistas são expostas à mensagem cristã, naquela que é a maior ação missionária mundial: oito horas por dia, cinco dias por semana, trinta e seis semanas por ano, de forma ininterrupta. Por outro lado, basta olhar para os líderes da Igreja, em qualquer nível de responsabilidade, para compreender a influência que estabelecimentos de ensino Adventistas tiveram na sua preparação. Daí que, neste pequeno artigo, nos interesse de forma particular a terceira questão colocada, relativa à influência da Educação Adventista na retenção dos jovens na Igreja.

De facto, um dos principais assuntos que se nos colocam hoje, como Comunidade de fé, relaciona-se com a capacidade que teremos de manter o interesse, o vínculo e o compromisso dos jovens com a Igreja – diria até, mais, com uma vida espiritual e religiosa ativa, profunda e frutífera, ao nível pessoal, comunitário e de testemunho. As dificuldades que a Pandemia provocou na existência de um contacto presencial regular; a disseminação de conteúdos concorrentes por meios tecnológicos, por vezes não controlados; uma mentalidade contemporânea dispersa e descomprometida em relação à espiritualidade; e – há que admiti-lo – o desafio da religião institucional em

responder, em tempo e em modo, às questões expostas, fazem com que as famílias e a Igreja devam ter uma séria preocupação relativamente às suas crianças, aos seus adolescentes e aos seus jovens, quanto ao futuro da sua vida de caminhada com Jesus.

Aliás, a situação atual não é uma novidade em si, mas sim uma aceleração de uma tendência pré-existente. Já se sabia que o número de jovens Adventistas entre os 18 e os 25 anos que abandonam a Igreja está em seis em cada 10, comparando com os quatro em cada 10 na totalidade das faixas etárias. A saída de casa para estudar, o confronto com ideias e pessoas novas, a autonomia na decisão e o questionamento da própria fé explicam-no. Mas, se é verdade que a primeira responsabilidade no processo educativo dos seus filhos está na família, a verdade é que a resposta a este problema profundo que se coloca aos nossos jovens está, também, na resposta que a Igreja pode e deve dar às necessidades e aos anseios destas faixas etárias e, quando possível, na decisão quanto à escola a frequentar. As famílias e a Igreja sabem-no.

ESCOLA: CONSTRUTORA DE ÂNCORAS

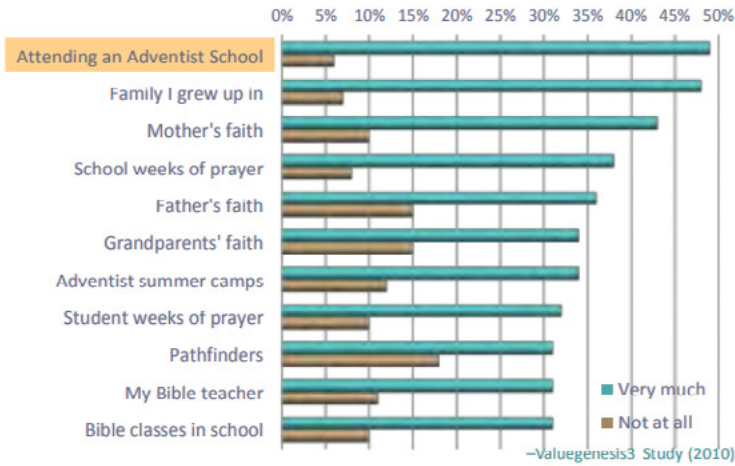
Durante a Conferência de 2019 “Nutrição e Conservação”,¹ mais de cem especialistas em Educação e líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia reuniram-se para debater questões relativas à manutenção e ao fortalecimento espiritual dos membros da Igreja. Na sua principal apresentação, intitulada “O Papel da Educação Adventista do Sétimo Dia na Conservação dos Jovens”,² a Diretora e o Diretor-Asso-

ciado da Igreja mundial apresentaram precisamente as questões relevantes que colocámos no início deste artigo. E apresentaram resultados, de diferentes estudos, que nos devem fazer refletir.

Um deles relacionou-se com o acompanhamento comparativo de sete casos individuais, ao longo de três décadas e em regiões diferentes, verificando o impacto do culto familiar e da frequência de uma escola cristã na manutenção da fé dos educandos. Esse acompanhamento provou uma correlação muito forte entre a educação e a vivência da fé, que demonstra que o melhor meio de promover a fidelidade dos membros adultos é o investimento na educação das crianças. A Educação é o grande contributo missionário da Igreja para a manutenção da vida espiritual dos presentes e futuros Adventistas.

Um outro ponto de reflexão relaciona-se com os resultados do estudo *ValueGenesis3*, que apresenta a resposta de 18 000 estudantes dos níveis de ensino seis a 12 quanto à sua fé, valores e compromissos, como Adventistas. Para eles, a Educação Adventista desempenha um papel muito significativo, como demonstra o gráfico (p. 24). Este impacto é ainda mais relevante na decisão pelo batismo: em famílias do Sul dos Estados Unidos da América, enquanto 60% dos jovens de famílias Adventistas que não frequentaram uma escola Adventista decidiram batizar-se, esse número subiu para 85% com a frequência de, pelo menos, um ano de ensino e para 97% com onze anos de ensino numa escola Adventista. O mesmo impacto é medido em relação à frequência da escola e à regularidade de ida à igreja.

Factors that Develop Religious Faith



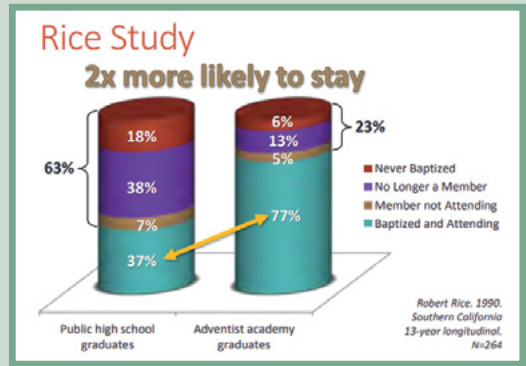
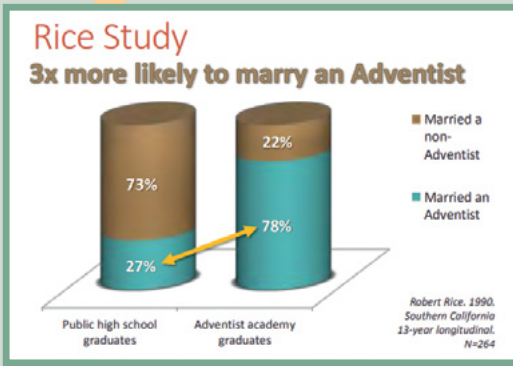
Outro estudo (p. 25), de Robert Rice, provou a correlação positiva entre a frequência de uma escola Adventista e os valores, como o casamento, o estilo de vida cristão e a mordomia. Por exemplo, a probabilidade de valorização de um casamento com alguém que partilhe a mesma fé é multiplicada por três e a regularidade na assistência e participação nos serviços de culto aumenta duas vezes, no caso de ex-alunos.

UM PEQUENO TESTEMUNHO

Recordo-me de, em 1986, no final da quarta classe, ter saído de uma escola cristã Católica, mesmo em frente à casa dos meus avós e a umas poucas centenas de metros do Colégio Adventista de Oliveira do Douro. A minha avó, Adventista, ganhou a coragem de perguntar aos meus pais, não-Adventistas, porque não colocavam a hipótese de me matricular no quinto ano no Colégio, em vez de numa escola pública. Tudo servia de argumento: “É ensino privado na mesma... fica perto daqui... continua

seguro... conhecemos as pessoas... tem valores...” Tudo servia, como um pedido que era, mais do que interessado, pungente. O meu pai olhava e ouvia, desconfiado e renitente; mas lá abriu uma brecha na vontade, aceitando uma reunião com a Direção. Recordo-me de ele chegar a casa, no final dessa reunião, e contar à minha avó a conversa com o meu professor e amigo, o Dr. Samuel Grave. Resumindo: “Perguntei se o meu filho ia sair de lá Adventista... Gostei da resposta do professor... Disse que ele ia sair de lá Adventista, se ele quisesse, e se eu deixasse.” Penso muitas vezes nessa resposta. Ela não nega a intenção e a vontade de marcar espiritualmente a vida daquele potencial aluno; mas afirma o respeito pela autonomia do aluno e a primazia da família. Não foi uma resposta tímida, mas não foi de todo hostil. Muita sabedoria numa frase.

A verdade é que estive no CAOD durante cinco curtos anos. Fui um aluno como todos os outros, embora não-Adventista da parte dos pais



e Adventista da parte da avó. A vida do meu pai não durou até ao fim desse ciclo de estudos, nem a da minha avó até ao momento do meu batismo. No fundo, como acontece com cada um de nós, tive e tenho um percurso de experiência com Deus, para o qual a Família, a Escola e a Igreja contribuíram, juntamente com todas as características e circunstâncias pessoais.

Repeto: É para esse percurso de experiência pessoal que a Família, a Escola e a Igreja devem trabalhar, e trabalhar conjuntamente, sempre que possível. Não se espere que o problema geracional de interesse, vínculo e compromisso trazido pelos desafios da atualidade seja resolvido colocando o ónus da reação num só destes pilares – geralmente, apontando a Igreja. E, se o fosse, o que é mais determinante é, inegavelmente, o pilar da Família, hoje célula particularmente interpelada a cumprir a sua vocação de abrigo, Comunidade e templo. Mas os três podem e devem trabalhar em conjunto, sempre que possível; dois, se um não estiver acessível. Apesar de tudo, é mais possível do que nunca, pela facilidade de contacto e pela experiência que adquirimos.

Toda a ação da Família, com centro no culto regular e no testemunho permanente, contribui para os alicerces espirituais futuros dos jovens. Na Igreja, os Ministérios da Criança, a Divisão Infantil da Escola Sabatina, os Clubes e os Grupos de Interesse dos Jovens, a Comunidade de Universitários Adventistas, todos fornecem meios e ferramentas para construir a fé e os valores das Crianças e dos Jovens. E as Escolas, mais do que nunca, são centros de influência interna e externa para o Bem: testemunhando perante as famílias e as Comunidades, capacitando líderes para o serviço na Igreja e na Sociedade e apoiando a Família e a Igreja nesta enorme e difícil tarefa de conservar a preciosa existência de cada criança e jovem nas mãos de Deus, nesta Terra e para a eternidade.

1 https://www.adventistresearch.org/nurture2019_summit

2 https://www.adventistresearch.org/sites/default/files/files/Nurture_Retention/BreakoutSessions/Taylor-Joining-and-Remaining-Role-of-Adventist-Education-No-Graphics%20%20updated.pdf

Gráficos https://www.adventistresearch.org/blog%2009_18_Adventist%20Education%20por

ADN DE HERÓIS

Projeto Educativo da Rede Escolar ASD 2021/2024



Paulo Sérgio Macedo
REASD



A REASD – Rede Escolar Adventista do Sétimo Dia – é a estrutura cooperativa que agrega os estabelecimentos de ensino tutelados pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, diretamente ou através das suas igrejas, Instituições e associações. Neste momento, esta estrutura está numa fase acelerada de integração institucional, mas, desde há muito, o seu objetivo comum está definido: o de apoiar a Missão da Igreja em Portugal pela Educação Adventista, em particular através dos seus estabelecimentos de ensino. É assim que a REASD, por meio de planos, iniciativas e recursos integrados, sob a coordenação do Departamento de Educação da UPASD, harmoniza os projetos educativos das Escolas Adventistas de acordo com a filosofia da Educação Adventista e a visão geral proposta pelo Plano Estratégico da UPASD.

CONTEXTOS DIFERENTES, UMA MESMA VISÃO

A Rede Escolar Adventista do Sétimo Dia é composta por cinco Instituições diferentes, em quatro locais de Portugal. O Colégio Adventista de Oliveira do Douro, na região do Porto, tem valências do Pré-Escolar até ao Terceiro Ciclo do Ensino Básico, para além de um projeto inovador como escola de matrícula de Ensino Doméstico, apoiando famílias de todo o país. O Colégio Adventista de Setúbal, com Primeiro Ciclo do Ensino Básico, e o Arco-Íris, com Creche e Jardim de Infância, servem a região de Setúbal. O Colégio de Talentos, em Lisboa, tem um projeto de proximidade em desenvolvimento acelerado, que vai da Creche ao Primeiro Ciclo. Fi-

nalmente, o Externato Adventista do Funchal oferece Pré-Escolar e Primeiro Ciclo à Igreja e à Comunidade. Estas Instituições inserem-se em realidades diferentes, ao nível da população, das igrejas à sua volta, da infraestrutura física e da estrutura administrativa, da sua história e até da tipologia social, cultural e religiosa dos seus alunos. Mas todas, sem exceção, servem a Educação Adventista com a mesma visão: a de Educar para a Eternidade, constituindo-se como centros avançados de influência na vida dos cerca de 400 alunos que as frequentam, das suas famílias e das Comunidades que servem.

No final de cada triénio, os Diretores, os Administradores e os Capelães destas queridas Instituições da Igreja reúnem-se, sob organização do Departamento de Educação da Igreja, e analisam como têm cumprido a sua função de materializar esta visão comum, aferindo ainda como se alteraram as circunstâncias desde o início do projeto educativo que finaliza e como isso influenciará os anos seguintes da vida de cada escola. Dessa reflexão nasce o Projeto Educativo para o triénio seguinte. Foi assim com todos os projetos educativos desenvolvidos em comum desde 2009: “Saber Crescer” (2009-2012), “Construir” (2012-2015), “Atreve-te!” (2015-2018) e “Olhar 3D” (2018-2021). Cada escola, tendo em conta a sua realidade e o seu contexto, e utilizando este mote comum, integra os textos-base, os valores e as ações estratégicas nos seus próprios planos, iniciativas e recursos, concretizando, ao longo de três anos letivos sucessivos, a visão da Educação Adventista.

UM PROJETO REALISTA DE VALORES

É com prazer que a REASD lhe apresenta o seu Projeto Educativo para o triénio 2021-2024: “ADN de Heróis”! Ele foi construído tendo em consideração três necessidades fundamentais: 1. A necessidade de ser fiel à visão da Educação Adventista, de Educar para a Eternidade. 2. A necessidade de ser atual e útil, respondendo aos desafios educativos num mundo cada vez mais incerto e exigente. 3. A necessidade de colocar o aluno no reservado lugar de cuidado e atenção do processo educativo que lhe é devido, com ações estratégicas centradas no respeito e no desenvolvimento da sua qualidade única e inimitável, conferida por Deus – a sua individualidade.

Porquê ADN de Heróis?

– Porque é um mote que aponta para as noções-chave que as Comunidades escolares da REASD consideram ser relevantes para os seus projetos pedagógicos e para os seus planos de ação no próximo triénio: cada aluno é único; a excelência é um alvo a atingir; a diferença no pensar, falar e agir é uma marca distintiva no Cristão. Deus olha para cada um como um ser singular, espera de cada um a excelência, agrada-Se da diferença que os Seus filhos demonstram, na aprendizagem, na educação e na vida, como testemunho do Seu amor.

– Porque “ADN” é uma referência à Genética, uma das áreas científicas que mais interesse e mistério encerra, bem como das que se encontram em maior desenvolvimento na atualidade e que mais testificam do poder criador e criativo extraordinário detido unicamente por Deus. Todos temos ADN,

mas é ele que nos torna únicos; todos provimos da ação criativa de Deus, mas todos somos criados inimitáveis. “ADN” remete para as características que tornam o Cristão diferente, não no sentido de exclusivo, seletivo e sectário, mas no sentido de distinto e separado, por Deus e para Deus. “ADN” remete para a singularidade de cada pessoa, as suas características e competências, objetos da verdadeira Educação, que incentiva a individualidade e a autonomia, tendo em conta as suas condições e as suas circunstâncias. ADN também é uma herança que partilhamos e que nos torna irmãos numa grande família, a Humanidade. “ADN” é o acrónimo de três verbos de ação que são a função do Herói: Amar – Descobrir – Nutrir. Cada agente de uma Comunidade educativa é, neste sentido, um Herói.

– “Heróis” porque não podemos ser indiferentes à realidade presente nas famílias, nas Comunidades e na Sociedade. Estamos na maior crise que as gerações mais jovens já viveram, ao nível mundial: sanitária, económica, social, ecológica, moral e espiritual. A res-



posta a essa crise remete para a capacidade de resistir, resilir e reconstruir. As gerações em preparação necessitam de ser educadas nessas competências, com alegria, solidariedade, serviço, espírito de Missão e capacidade de superação. Heróis: procuram-se e precisam-se!

– Porque é um projeto conforme as diretrizes da Autonomia e Flexibilidade Curricular, definidas no DL 55/2018, a par da *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. “ADN de Heróis” estará assente numa pedagogia pela descoberta, métodos ativos, trabalho colaborativo, cooperativo, em rede e num currículo formal/informal, que valorize as necessidades, os interesses e as potencialidades individuais e coletivas dos alunos/turmas, indo além das *Aprendizagens Essenciais* e do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

– Porque as quatro características do “ADN de Heróis” assentam no desafio de Deus a Josué, que consta do texto de Josué 1:9, aqui transcrito da versão de *O Livro*: “Sê ousado e forte! Abandona o medo e a dúvida!” Os Heróis são ousados, fortes, corajosos (sem medo) e fiéis (sem descrença). O Herói é humilde e reconhece que o seu objetivo não é o de aperfeiçoar os seus “poderes” próprios, para esta Terra, mas sim o de crescer rumo ao ideal da restauração à imagem de Deus, segundo o Modelo Perfeito de Herói, Jesus Cristo. Josué, tal como Cristo, viveu na dependência do Pai e no exercício de uma liderança inspiradora e partilhada. Josué é um tipo de Jesus, que venceu pelo poder de Deus na missão que por Deus lhe foi confiada. O Herói reconhece, ainda, o valor do Discipulado, da aprendizagem



“ADN” É O ACRÓNIMO DE TRÊS VERBOS DE AÇÃO QUE SÃO A FUNÇÃO DO HERÓI: AMAR – DESCOBRIR – NUTRIR. CADA AGENTE DE UMA COMUNIDADE EDUCATIVA É, NESTE SENTIDO, UM HERÓI.

através do convívio e do estudo, com os mais ousados, fortes, corajosos e fiéis na sua caminhada de fé, como Josué em relação a Moisés. O Herói recebe, aceita e vive uma Educação integral, preocupada com a totalidade do seu ser, que envolve o bem-estar e o desenvolvimento físico, mental, social e espiritual. Finalmente, o Herói distingue-se pelo pensar, falar e agir, pela estética e pela ética, pelo foco e pelo empenho em valores e princípios da Eternidade, que lhe dão sentido e poder. Isso define o seu estilo de vida.



ADN DE HERÓIS

TEXTO-BASE: “Sim, sê ousado e forte! Abandona o medo e a dúvida! Não te deves esquecer de que o Senhor, teu Deus, está contigo para onde quer que vás.” Josué 1:9.

“Cada ser humano, criado à imagem de Deus, está dotado com uma faculdade semelhante à do Criador – a individualidade, a faculdade de pensar e de agir. [...] É dever da verdadeira Educação desenvolver esta faculdade, treinar os jovens para que sejam pensadores, e não meros refletores do pensamento de outros homens. [...] Em vez de letrados débeis, as Instituições de ensino poderão enviar homens fortes para pensarem e agirem, homens que são senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuem amplitude de mente, clareza de pensamento e a coragem de defender as suas convicções.” – Ellen G. White, *Educação*, pp. 12 e 13, ed. P. SerVir.

O ALUNO E A INDIVIDUALIDADE

O Projeto Educativo “ADN de Heróis” coloca o Aluno como o objeto do processo educativo, recebendo especiais atenção e cuidado do educador, com o respeito e o desenvolvimento da sua individualidade como alvos para um alvo maior: um encontro pessoal com Jesus. Para tal, tem em conta, respeita e desenvolve os 5 C’s que formam a individualidade do aluno: as Características, Capacidades e Competências, que compõem os seus elementos mais subjetivos, e ainda as Condições que o relacionam com o seu ambiente e as Circunstâncias que formam a sua experiência de vida.

VALORES

Os valores em que assenta o Projeto são as quatro características que resultam como explícitas e implícitas do que Deus espera de Josué, que se transfere do que Deus espera de cada Herói: Ousadia, Força, Coragem como resposta ao medo e Fidelidade como resposta à dúvida. Estas quatro

características são encaradas como Dons, dádivas divinas que têm como condição a presença de Deus, garantida na promessa “o Senhor, teu Deus, está contigo para onde quer que vás”.

ALVOS

Os alvos do Projeto são uma linha de continuidade e permanência, extraídas da expressão da Visão do Departamento de Educação, colocados em prática pela Rede: Redenção, Restauração e Reconciliação. Eles são a resposta de Deus ao estado pecaminoso do ser homem, remindo-o; ao estado de sujeição à desordem pessoal e social, restaurando-o; ao estado de afastamento da presença de Deus e de paz com os outros e com o mundo natural, reconciliando-o com Deus, em Cristo.

PILARES

Os pilares do Projeto são os mesmos das áreas de intervenção da Educação Adventista, pilares que cooperam e interagem de uma forma que deve ser o mais harmoniosa e coerente possível: a Família, a Escola e a Igreja.



MÉTODOS

O acrônimo ADN corresponde a três verbos que devem orientar transversalmente os projetos, os planos e as iniciativas da Rede Escolar: Amar – Descobrir – Nutrir. Todos estes elementos podem e devem ser preparados e aplicados tendo como instrumentos as atitudes que valorizem o afeto cristão, a resposta à curiosidade, à iniciativa no processo de aprendizagem e à responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento pessoal integral.

AÇÕES ESTRATÉGICAS

As ações estratégicas do Projeto, a materializar pelos planos e pelas atividades de cada escola, são:

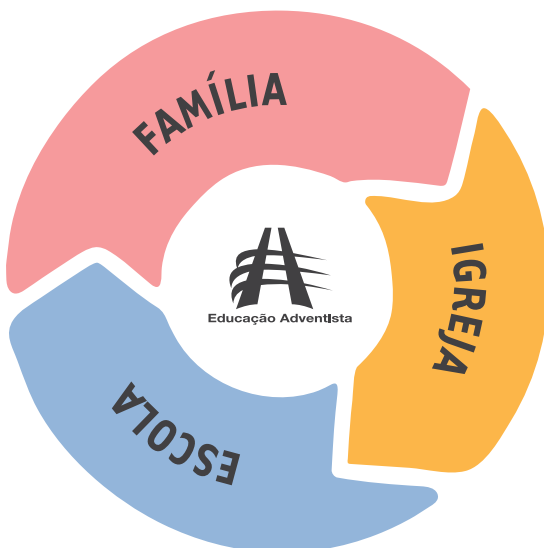
Cuidar de si, dos outros e do Planeta.

Integrar e **servir** todos, em especial os mais frágeis.

Pensar com profundidade e promover a individualidade.

Explorar com curiosidade e aprender pela descoberta.

Celebrar a vida com alegria!



A CASA ERRADA NO MOMENTO CERTO

*Deus sabe para onde
vamos, mesmo se nós
não o sabemos!*

Ray Escoe
Colportor Evangelista

*Retirado da Adventist
Review de maio de
2020.*

Jesus disse: “Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mateus 28:19). Seja qual for a nossa profissão, a nossa posição e o nosso estatuto na vida, devemos ser testemunhas junto daqueles que estão ao nosso redor.

Quando eu e a minha mulher nos casámos, prometemos a Deus que iríamos consagrar a nossa vida ao Seu serviço para ganharmos pessoas para Jesus. Que melhor maneira haveria de fazer isto do que falar com as pessoas sobre o Senhor? Isso levou-me a ser um colporteur evangelista, para visitar as pessoas nos seus lares e vender-lhes literatura cristã. É um trabalho difícil, mas muito compensador.

SEGUINDO INDICAÇÕES

Nós vivemos na Geórgia do Sul, onde há muitas vilas pequenas. Um dia, eu estava numa vila onde alguém me tinha pedido informações acerca dos livros que eu vendia. O endereço no postal de pedido de informações que eu tinha na minha mão apenas dizia “Estrada 1” e, depois, o número de correio da casa.

Eu fui aos Correios para obter mais informação, mas era meio-dia e o Posto dos Correios estava fechado. Assim, coloquei o postal no meu bolso e passei a tarde a bater às portas. Visitei muitos lares, mas não vendi quaisquer livros. Isso era habitual, pois a maior parte das minhas vendas acontecia à noite, quando as pessoas estavam no seu lar.

Eu não tinha tido uma boa semana no tocante ao volume de vendas. Esperava ter um dia bom; por isso orei

**EU NÃO TINHA TIDO
UMA BOA SEMANA NO
TOCANTE AO VOLUME
DE VENDAS. ESPERAVA
TER UM DIA BOM; POR
ISSO OREI PARA QUE O
SENHOR ME LEVASSE
AOS LARES CERTOS.**

para que o Senhor me levasse aos lares certos.

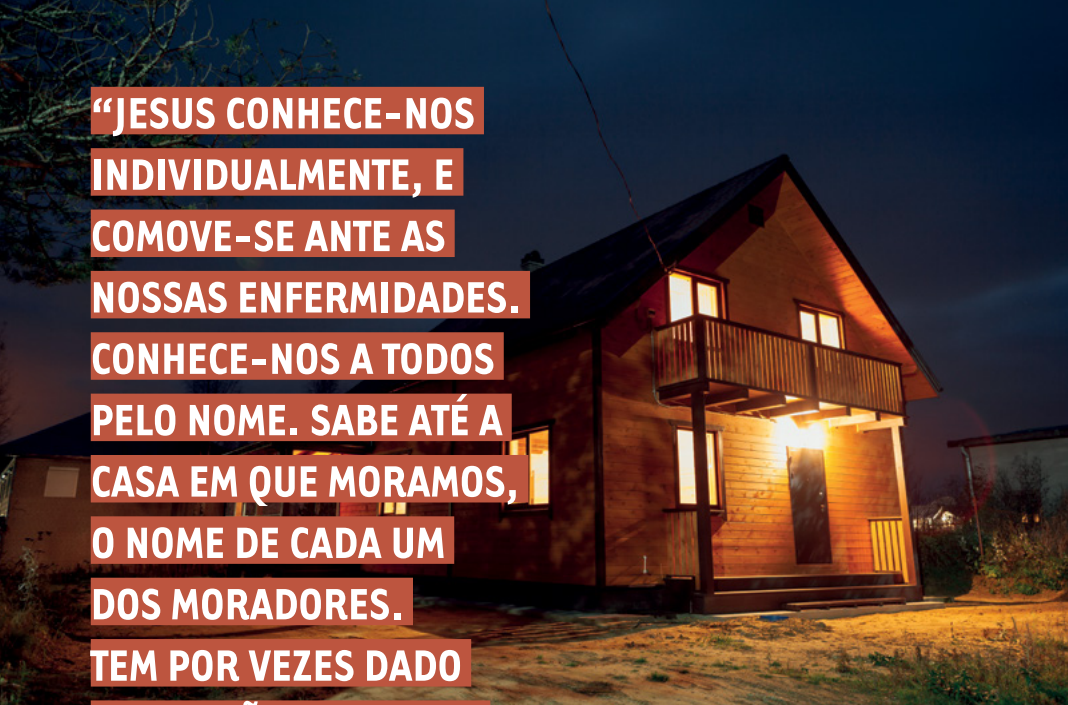
Quando começou a ficar escuro, decidi escolher uma rua na parte limítrofe da vila e começar a bater às portas. Para não assustar as pessoas quando abrissem a porta, eu recuava um passo, mostrava-lhes um dos meus livros e dizia: “Estou a visitar famílias cristãs.”

Porque estava escuro, poucas pessoas abriam a sua porta. Eu voltei ao meu carro e orei para que Deus me ajudasse a vender alguma coisa. Dirigi-me à casa seguinte e uma mulher veio à porta vestida com o seu roupão. Eu percebi que estava a ficar tarde.

Voltando ao meu carro, orei de novo. Senti a impressão: “Limita-te a continuar.”

UMA LUZ NO ALPENDRE

“Ok”, disse eu para mim mesmo, “vou continuar”. Por essa altura, a maior parte das casas estava às escuras. Mas eu vi no topo da rua uma casa onde havia crianças a brincar num alpendre. Dirigi-me para aquela porta com um



“JESUS CONHECE-NOS INDIVIDUALMENTE, E COMOVE-SE ANTE AS NOSSAS ENFERMIDADES. CONHECE-NOS A TODOS PELO NOME. SABE ATÉ A CASA EM QUE MORAMOS, O NOME DE CADA UM DOS MORADORES. TEM POR VEZES DADO INSTRUÇÕES AOS SEUS SERVOS PARA IREM A DETERMINADA RUA, EM CERTA CIDADE, A UMA CASA DESIGNADA, A FIM DE ENCONTRAR UMA DAS SUAS OVELHAS.”

livro de histórias bíblicas para crianças na mão.

Quando a mulher veio à porta, ela olhou para o livro com surpresa. “Eu enviei um postal a pedir esse livro”, disse ela. “Nunca me responderam. Por favor, entre.”

Foi quase como se estivessem à minha espera. Eu tirei o postal do meu bolso e era, precisamente, a família por que eu tinha procurado no início do dia.

O que é estranho é que esta não era a casa da família. Eles viviam no campo. Estavam apenas a visitar o seu

Pastor e a respetiva esposa. Quando eu mostrei os livros, o pai das crianças virou-se para o Pastor e perguntou-lhe se os devia comprar. O Pastor respondeu: “Sim, são bons livros.”

Ellen G. White escreveu: “Como um pastor terrestre conhece as suas ovelhas, assim o divino Pastor conhece o Seu rebanho, espalhado por todo o mundo. ... Jesus conhece-nos individualmente, e comove-Se ante as nossas enfermidades. Conhece-nos a todos pelo nome. Sabe até a casa em que moramos, o nome de cada um dos moradores. Tem por vezes dado instruções aos Seus servos para irem a determinada rua, em certa cidade, a uma casa designada, a fim de encontrar uma das Suas ovelhas.”¹

Eu creio que Deus me levou àquele lar na zona limítrofe da vila nessa noite. Como poderia não crer?!

¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 409 e 410, ed. P. SerVir.



“Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior.” – EGW, Evangelismo, p. 257.

PÁSCOA: O SANGUE PROTETOR

“Quando os filhos de Israel foram libertos dos Egípcios, o Senhor disse: *E eu passarei pela terra do Egito esta noite, e ferirei todo o primogênito na terra do Egito, desde os homens até aos animais; e sobre todos os deuses do Egito farei juízos; eu sou o Senhor. [...] Em seguida, peguem num ramo de hissopo e embebam-no no sangue, que estará numa bacia; depois marquem com esse sangue a verga e as duas ombreiras da porta. Nenhum de vós deverá transpor o limiar da porta até de manhã. Quando o SENHOR passar para ferir de morte os egípcios, ao ver o sangue na verga e nas duas ombreiras da porta, passará adiante e não deixará que a destruição entre nas vossas casas. Respeitem, portanto, esta lei, como lei eterna para vós e para os vossos descendentes’* (Êxodo 12:12, 22-24, ARC e BpT). O sangue na verga da porta simbolizava o sangue de Cristo, o Único que salvou da condenação o primogênito dos Hebreus. Qualquer dos filhos dos Hebreus que fosse encontrado numa habitação egípcia seria destruído.

“Esta experiência dos Israelitas foi escrita para instrução dos que deveriam viver nos últimos dias. Antes que o flagelo venha sobre os habitantes da Terra, o Senhor chama todos os que são autênticos Israelitas para se prepararem para este acontecimento. Ele envia aos pais o grito de advertên-

cia: Reúnam os vossos filhos na vossa própria casa; afastem-nos dos que desrespeitam os Mandamentos de Deus, que ensinam e praticam o mal. Saiam o mais depressa possível das grandes cidades. Estabeleçam escolas denominacionais. Deem aos vossos filhos a Palavra de Deus como fundamento de toda a sua educação. Ela está cheia de belas lições, e se os alunos estudarem a Bíblia no Primeiro Ciclo aqui em baixo, estarão preparados para o Curso Superior lá em Cima.

“A Palavra de Deus vem até nós neste tempo (ler II Coríntios 6:14-18). Onde estão os nossos filhos? Estamos a educá-los para discernirem a corrupção que pela concupiscência há no mundo, e para escaparem dela? Estamos a esforçar-nos para salvar-lhes a vida, ou pela nossa negligência estamos ajudando na sua destruição?” (T 6, pp. 194-196.)

“A única segurança para os Israelitas era o sangue nas ombreiras das portas. Deus disse: *‘Quando eu vir o sangue, passarei adiante’* (Êxodo 12:13). Todos os outros dispositivos de segurança seriam inúteis. Nada, a não ser o sangue nas ombreiras das portas, vedaria a entrada do anjo da morte. Só há salvação para o pecador no sangue de Jesus Cristo, o qual nos purifica de todo o pecado.” (ME 3, p. 172.)

DESÍGNIOS DE DEUS



Maria Sales
Obreira aposentada

***“Perto está o Senhor
dos que têm o coração
quebrantado e salva os
contritos de espírito”
(Salmo 34:18).***

Todos os anos, na primeira quinzena de agosto, realizava-se um Curso de Formação para Membros Leigos, mais conhecido entre nós por “Curso de Doutrinas”. Durante quinze dias, vindos de vários lugares do país, homens e mulheres de todas as idades, alguns acompanhados de filhos ou netos, deslocavam-se ao Colégio Adventista de Oliveira do Douro e participavam nesse Curso. Eram dias inesquecíveis! Tínhamos aulas abrangendo vários

temas doutrinários, boa alimentação, gente simpática à nossa volta, saídas missionárias, alguns passeios e visitas a espaços dignos de relevo na cidade do Porto, visitas que o Pr. Ernesto Ferreira idealizava para nós. Havia, entre todos, um espírito muito bom, as amizades cresciam e cada ano se tornavam mais sólidas. Nos dois Sábados, à tarde, depois das atividades religiosas da manhã nalguma igreja próxima ou, mesmo, na capela do Colégio, havia reunião de testemunhos. Gostaria de partilhar convosco um testemunho que me surpreendeu, pois pude ver como Deus me usou, sem que eu soubesse.

Entre os amigos que conheci ao longo dos anos nesse Curso, no qual participei desde 1994, havia uma senhora, que ainda não era membro de Igreja, mas, porque vivia muito só, gostava de passar ali esses dias, estudando, cantando, convivendo, construindo amizades.

De vez em quando, eu telefonava-lhe. Um dia, senti um desejo

imenso de lhe escrever. Era urgente. Algo sem explicação. Arranji um cartão bonito e enviei-lhe uma mensagem em correio prioritário. Esqueci o assunto. Passaram-se alguns meses.

Então, em agosto, na reunião de testemunhos, a Maria de Lourdes contou o seguinte: “Irmãos, um dia sentia-me tão só e desesperada! Falei com Deus e disse-Lhe que não aguentava mais. Iria pôr termo à vida. Não encontrava solução para mim. Estava decidida. Deus sabia bem como era difícil suportar esta solidão imensa! Nesse instante, porém, bateram à porta. Era o carteiro. Recebi um cartão com uma mensagem que me trouxe paz e tranquilidade. Deus tinha ouvido os meus lamentos e as minhas queixas e tinha-me enviado uma mensagem especial através da Irmã Sales.”

Deixe-se usar por Deus, ainda que não saiba como, porquê ou para quê. Ele inspirá-lo-á!

Fiquei assombrada com o que ouvi. Agora sabia a razão que me tinha motivado a escrever-lhe com urgência. E concluí que esse cartão que lhe enviei era a resposta de Deus às lágrimas da Maria de Lourdes. E Deus, “que está perto dos que têm o coração quebrantado”, usou-me, ditando-me algumas palavras de amizade e de carinho, e fez mais um milagre na vida de alguém a quem Ele muito amava!

Deixe-se usar por Deus, ainda que não saiba como, porquê ou para quê. Ele inspirá-lo-á!





“O pequeno Jamie Scott estava a tentar conseguir um papel na peça de Teatro da sua escola. A mãe era testemunha da sua dedicação. Ele aplicara-se de todo o coração a essa tarefa e, por isso, ela receava que o filho não fosse escolhido.

No dia marcado para a distribuição dos papéis, quando a mãe foi buscar o Jamie à escola depois das aulas, o menino correu para ela com os olhos a brilhar e, cheio de orgulho e alegria, gritou:

“Mãe, mãe, fui escolhido... fui escolhido!” Aliviada e feliz pela oportunidade que fora dada ao seu filho, estava longe de imaginar a grande lição de vida que o seu menino lhe iria ensinar. Depois de sentir os seus pequeninos braços envolvendo-a num terno abra-

ço, com grande emoção e um grande sorriso ele diz-lhe:

“Mãe, fui escolhido... fui escolhido para ficar na plateia e bater palmas com muita força!”¹

Sempre que leio esta história sorrio e penso na simplicidade da vida, caso percebamos a bênção de vivermos gratos pelo papel que Deus nos propõe desempenhar. Quantas ansiedades, frustrações e angústias evitaríamos, se reconhecêssemos a bênção das coisas pequenas, das coisas simples. Como a vida se torna triste e um autêntico desperdício quando a nossa meta é ter o que o outro tem, é viver

COISAS SIMPLES DA VIDA



o que o outro vive, é ser o que o outro é, ambicionar um outro papel que não o nosso, um papel “melhor”, mais “importante” (achamos nós...).

Afinal, o que é mais importante? Os atores que encenam uma peça de Teatro ou aqueles que compõem a assistência? Coloco a questão de uma outra forma: qual o propósito da encenação, se não houvesse assistência, e qual o objetivo de haver assistência, se não houvesse encenação? São mais importantes e necessários os que estão no palco ou os que estão na plateia? É mais importante o contributo do patrão ou do empregado? Do professor ou do aluno? Do Pastor ou dos membros? Do marido ou da esposa? Dos pais ou dos filhos?

Mais importante do que tudo isto é o entusiasmo que sinto no papel que desempenho. Se a nossa vida é orientada por Deus, não há papéis menores, menos importantes. Somos vidas valiosas, necessárias e imprescindíveis àqueles que nos rodeiam. O nosso préstimo, a nossa função, o nosso contributo são uma nota que, juntando-se a outras notas, compõem a harmonia necessária à nossa felicidade e à felicidade daqueles que estão à nossa volta.

Naqueles dias em que estamos mais desanimados e em que somos tentados a pensar que não tem “muita utilidade” a nossa vida, a nossa profissão, aquilo que somos enquanto pessoa, esposa, marido, filho, lembremo-nos do conselho bíblico: “E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a

Talvez não tenhamos tudo o que queremos, mas, seguramente, Deus tem-nos dado tudo do que precisamos!

todos.”² O valor de cada um de nós é sentido e confirmado na alegria do serviço a outrem. Quando o nosso coração é inspirado por Deus, compreenderemos o nosso valor e jamais diminuiremos o valor do outro. A família, o local de trabalho, a vida na Igreja ou na Sociedade seriam lugares de bênção, se todas as oportunidades que surgissem fossem aproveitadas para fazer o bem. Não desfaleçamos nesse propósito, pois a promessa divina é de que haverá recompensa.

Para sermos felizes, não precisamos da família do outro, do emprego do outro ou das coisas do outro. Precisamos de ser como este menino Jamie. Sem invejas, sem preconceitos, sem competições. Percebermos que a nossa atitude é mais importante do que o papel!

Talvez não tenhamos tudo o que queremos, mas, seguramente, Deus tem-nos dado tudo do que precisamos! Onde estamos neste momento: No “palco”? Na “plateia”? Nos “bastidores” ou no “corredor”? Não importa! O que importa é não esquecermos que Ele nos escolheu para sermos felizes, até nas coisas simples da vida!

¹
Adaptação de uma história de autor anónimo.

²
Efésios 6:9 e 10.

A ÚLTIMA CEIA



Paula Amorim

*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*

» VERSÍCULO 3D «

“Desejei muito comer
convosco esta páscoa”
[Lucas 22:15].

**» HISTÓRIA 3D «**

Lê, em Lucas 22:14-20, a narrativa da última Páscoa dos Discípulos com Jesus, e procura na cena os objetos que não estão de acordo com o que leste.

» DESCOBRE MAIS «

A Santa Ceia foi o último jantar de Páscoa que Jesus teve com os Discípulos antes de morrer. Jesus mudou esta festa dos Judeus, que era celebrada uma vez por ano, para um culto importante a repetir mais vezes na Igreja (I Coríntios 11:23-26). Este culto apontava para Jesus, o Cordeiro perfeito que morreria nesse tempo e que cumpriria a profecia anunciada da Sua morte (Isaías 53:7). O Seu corpo sacrificado era ilustrado pelo pão partido e o Seu sangue derramado na cruz era simbolizado pelo sumo de uva. Com estes símbolos, Jesus quis deixar uma imagem visual forte para manter os crentes unidos neste culto que aponta para Jesus, o verdadeiro Cordeiro que deve receber a nossa adoração.

» DESENVOLVE SEMPRE «

Mais tarde, foram introduzidos outros símbolos errados na festa da Páscoa: os coelhos, os ovos e os chocolates. São símbolos que nos desviam de pensar em Jesus e no verdadeiro significado da Páscoa. Apesar de a Páscoa judai-

ca não ser mais uma festa a celebrar, nunca nos devemos esquecer de que Jesus morreu por nós e voltará para nos vir buscar. Ao participarmos na Santa Ceia, relembramos a morte de Jesus, apressamos a volta de Jesus e antecipamos o dia da festa do Cordeiro, onde estaremos para sempre com Jesus!

» DÁ-TE À MISSÃO «

O contacto social com outras famílias é mais difícil devido à Pandemia; mas podes reunir a tua família e, num espírito de oração, recriar a Última Ceia para viverem um momento de comunhão, onde procuras as bênçãos de Jesus para a tua família. Preparem juntos todo o programa e partilhem as tarefas, para que todos possam estar ao serviço. Procurem uma receita de pão sem fermento para prepararem em família e decorem o local de acordo com o tempo bíblico.

» ATIVIDADE 3D «

Encontra, na Sopa de Letras, palavras e nomes relacionados com a celebração da Última Ceia, descrita nos Evangelhos. Será que vais conseguir encontrá-los?

F	E	S	T	A	O	D	O	S	U	P	Ã	E	S	Ç	A	S	M	O	S
A	J	B	J	M	N	P	V	T	V	E	R	D	A	D	E	L	O	V	P
M	E	S	T	R	E	I	S	V	I	D	E	I	R	A	J	Q	M	I	O
G	S	C	I	L	Q	H	R	G	E	R	F	I	C	P	H	O	N	D	V
Z	U	H	D	C	Â	N	T	A	R	O	G	D	E	Q	Á	G	U	A	S
A	S	P	E	A	F	G	J	L	D	S	R	H	N	I	R	N	E	F	A
X	B	Á	T	M	U	N	J	O	Ã	O	C	C	Á	L	I	C	E	G	E
V	C	S	S	I	L	V	U	Z	B	X	F	S	C	O	R	P	O	D	J
D	U	C	Q	N	P	O	D	X	P	Ã	O	B	U	J	L	M	D	H	I
T	S	O	R	H	N	M	A	A	T	Ç	Z	A	L	I	A	N	Ç	A	L
E	N	A	D	O	Z	E	S	B	U	X	A	C	O	A	M	E	S	A	N



Adventistas participam em cerimónia com o Presidente da República

11 MAR 2021 | DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA UPASD
 | DEPARTAMENTO DE LIBERDADE RELIGIOSA E ASSUNTOS
 PÚBLICOS DA UPASD

O Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, Pastor António Amorim, representou a Igreja num encontro de S. E. o Presidente da República, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa, com os líderes de algumas Comunidades religiosas radicadas no país, que teve lugar no dia 9 de março, na Câmara Municipal do Porto.

A abertura da cerimónia foi realizada pelo Presidente da Câmara Municipal do Porto, Dr. Rui Moreira, e, para além da Igreja Adventista do Sétimo Dia, estiveram representadas dezassete Comunidades, entre as quais Aliança Evangélica, Budista, Católica Romana, Católica Ortodoxa, Fé Baha'i, Hindu, Judaica, Lusitana e Muçulmana. Segundo o Protocolo de Estado que orientou a reunião, a designação de “Cerimónia Ecuménica” refere-se a todo o ato solene em que participa o Presidente da República juntamente com representantes de diferentes confissões religiosas. Assim, não sendo uma celebração religiosa, foi um encontro que reconhece e valoriza a integração

das diversas Comunidades religiosas na vida da Sociedade Portuguesa.

Nesta cerimónia, inserida no programa que assinalou a tomada de posse e o início do segundo mandato, o Presidente da República saudou a presença dos líderes religiosos “na cidade da liberdade”. Nas suas palavras, demonstrou “*gratidão a todos quantos dão vida a uma liberdade fundamental da nossa Constituição: a liberdade religiosa*”, afirmando que “*é no pluralismo que caracteriza uma Sociedade livre, aberta e democrática que é consagrada e floresce a liberdade religiosa, que são consagradas e crescem todas as liberdades, todos os direitos fundamentais*”. Agradeceu ainda às confissões “*o muitíssimo que Portugal vos deve, na Educação, na Saúde, na solidariedade social, na resistência às crises, no combate à Pandemia*”, realçando que, “*neste ano doloroso e infatigável, o combate sem tréguas à Pandemia seria outro sem o vosso contributo em domínios sensíveis da vida nacional, ajudando os excluídos e os mais pobres, os que mais têm penado ao longo deste ano*”. De seguida, o Presidente da República apelou às confissões para que “*em salutar diálogo e convergência de propósito, tudo façamos para defender a liberdade, a tolerância, a compreensão mútua, num tempo em que é tão sedutor dividir e catalogar, encontrar bodes expiatórios, acusar sem fundamento, marginalizar sem humanidade*”. E, de seguida, que “*Portugal pede-vos um outro contributo, por palavras e por obras, para a pacificação dos espíritos, a aceitação do diferente, a aceitação do diverso, a aceitação do estranho*”. Apelou ainda a uma compreensão sobre o amor, definindo que, “*para os crentes, a Lei de Amor será diversa e vista de forma diferente por cada um. Para os não-crentes, é o respeito pelo princípio constitucional da dignidade humana*”.



Discursou ainda D. José Ornelas, Bispo de Setúbal e Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, que felicitou o Presidente da República pelo desejo de se reunir com as confissões religiosas, assinalando *“o gesto de leitura atenta da Constituição e pela visão humanista e aberta da Sociedade e do mundo”*. E, referindo a não confessionalidade do Estado e a sua abertura às diversas formas religiosas, salientou que tal se faz *“sem sincretismo e com o contributo específico de cada um, no respeito por quem cada um é”* e *“no silêncio do coração e na tradição de cada um”*.

Durante o encontro foi ainda lido o seguinte texto, preparado pela Presidência da República: *“Dai-nos sabedoria para distinguir o bem do mal; compreensão para acabar com os conflitos; compaixão para apagar o ódio; perdão para superar a vingança; amor para compreender e amar o outro. Faz com que todos os povos vivam de acordo com a Tua Lei de Amor.”*

A participação da Igreja Adventista do Sétimo Dia a convite da Presidência da República é um reconhecimento do seu empenho na defesa e na promoção do princípio da liberdade religiosa, baseado no direito a ter ou a não ter, praticar ou não praticar, mudar, abandonar e partilhar a crença. Por outro lado, é uma consequência da sua prática de diálogo

inter-religioso, baseada no respeito pela diferença e pela expressão pública da fé, valorizando o contributo para aspetos da vivência comum, como a própria liberdade religiosa, a paz, a solidariedade e os valores de cidadania.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, ao nível mundial, tem uma longa e frutífera tradição de empenho na liberdade religiosa, de relacionamento com as Autoridades e de diálogo com as outras Comunidades. Desde 1893, com a criação da Associação Norte-Americana da Liberdade Religiosa, a Igreja compreendeu que a liberdade religiosa e os assuntos públicos são muito relevantes na sua Missão e no seu contributo para a Sociedade. O mesmo acontece em Portugal, com a ação da Igreja e com a Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa (AIDLR), criada oficialmente em 1978 como secção nacional.

O convite do Senhor Presidente da República, para além de sinalizar a sua atenção para com a liberdade religiosa e as Comunidades religiosas, também demonstra a abertura da Lei em Portugal em relação às Comunidades, o respeito social pelo fenómeno religioso e o reconhecimento do contributo das Comunidades para a vivência em comum.

Para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, após receber a visita do Senhor Presidente há três anos, a aceitação deste convite é também um sinal do nosso compromisso para com os nossos próprios valores: os de, como Igreja, testemunhar da fé que nos é própria e transmitir a solidariedade e a esperança com todos com quem partilhamos o espaço de liberdade que deve ser o espaço da Sociedade.



Leona e David Parsons

10 MAR 2021 | DR. EMANUEL ESTEVES, MÉDICO | PR. DANIEL BASTOS, DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE SAÚDE E TEMPERANÇA DA UPASD

Foi no dia 19 de janeiro de 2021, aos 90 anos, que a vida do dedicado Dr. David Parsons terminou na Terra. A sua querida esposa, Leona, também já descansou, tendo falecido no dia 7 de junho de 2014, aos 81 anos. Este casal de autênticos médicos missionários será sempre lembrado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia portuguesa, sobretudo pelo seu trabalho na Missão do Bongo, Angola, desde 1963 até 1975.

David Justice Parsons nasceu no dia 6 de julho de 1930, em Lisboa, Portugal, quando os seus pais (Roy e Mabel) ali residiram, para que o Dr. Roy Parsons repetisse o Curso de Medicina em português, a fim de obter autorização para poder exercer em Angola, como médico missionário. **Leona Mae Chew** nasceu em 13 de setembro, 1932, em Newark, Ohio, EUA. David e Leona casaram-se no dia 14 de junho de 1953 e tiveram três filhos: a Davona e a Cynthia, nascidas nos EUA, e o David, que já nasceu no Bongo, Angola.

O Dr. David Parsons completou os seus estudos em Medicina em Loma

Linda, em 1954, mas, depois, ainda repetiu o curso em espanhol, no México, e estudou Medicina Tropical, em Lisboa. A Dra. Leona Mae Parsons completou o Curso Superior de Enfermagem em 1960, e, já depois da saída forçada de Angola, recebeu os títulos de Bacharel em Ciência, pela *Southern University* e Mestre em Administração e Negócios, pelo *Crummer College*, em Orlando, Florida.

O ministério de ambos em Angola começou a partir de 1963 e, embora sediado na Missão do Bongo, estendeu-se a outros pontos de Angola, como as Missões de Cuale (Malange) e Quicuco (Quilengues). Enquanto o Dr. David Parsons se ocupava das cirurgias e das consultas, diariamente, até tarde na noite, a esposa geria a vida da família, exercia enfermagem, ajudava nas operações e dava formação. Com a sabedoria do Alto, alcançaram grande sucesso, seguindo o bom legado que tinham recebido do pai e de outros missionários, ao ponto de o Bongo chegar a ser conhecido como o “lugar dos milagres”. Antes de cada intervenção, dirigiam uma oração a Deus. Não eram menos ativos nas atividades espirituais, desenvolvendo a Leona um brilhante trabalho com crianças, na Escola Sabatina. O Dr. David era visto com frequência no púlpito, tendo inclusivamente sido ordenado ao Ministério Pastoral em 1972. Fiéis até ao fim, continuaram a ser missionários, prestando socorro aos refugiados na sequência do êxodo provocado pela guerra civil em 1975.

Para os muitos irmãos e amigos que tiveram a alegria de privar com eles, fica a doce saudade daquelas mãos ge-

nerosas que não se fechavam a quem delas precisava. Fica também a fé e a esperança, que deles aprendemos, na Segunda Vinda de Jesus e na manhã da ressurreição. Num dos próximos números da *Revista Adventista* será publicado um artigo mais extenso sobre a vida e a obra da família Parsons em Angola.



Liliana Baptista e Cipriano Baptista

21 MAR 2021 GUIDA ESTEVES, ANCIÃ DA IASD DE SETÚBAL

Recordo-me de, quando menina e moça, acompanhar a minha avó Idalina Rolita ao cemitério. Enquanto ela cuidava da manutenção das campas dos familiares, eu passeava, curiosa, apreciando os trabalhos em pedra e lendo os epitáfios. Eram momentos de serenidade e de reflexão, talvez não muito habituais naquela faixa etária, pelo menos naquele tipo de lugar! Ainda hoje, passados muitos anos após aquelas vivências, senti bem-estar quando recentemente necessitei de recuperar o espaço onde guardei os restos mortais dos meus amados pais.

O sábio escreveu o que podemos ler em Eclesiastes 7:2, que durante anos eu não entendia muito bem, mas que se tornou claro na minha mente: “Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa

onde há banquete, pois *naquela se vê o fim de todos os homens.*”

A vida é um ciclo, um sopro... que, um dia, mais cedo ou mais tarde, se extinguirá, mas, meus queridos irmãos na fé, as promessas de Deus são maravilhosas e enchem-nos de coragem, de esperança e de amor pelo Deus maravilhoso que nos criou, que nos sustém e que nos dará, se O aceitarmos, a vida eterna, “sem lágrimas, sem dor, porque as primeiras coisas são passadas”!

Na ausência de informação escrita na altura, senti necessidade de vos comunicar por escrito que, em paz e no seu lar, a nossa irmã Liliana Baptista descansou no dia 20 de fevereiro de 2019 e o nosso irmão Cipriano Baptista no dia 25 de março de 2020.

Sobre a minha mãezinha, gostaria de partilhar convosco que, num percurso muito longo de demência, os hinos ao seu e ao nosso Deus tiveram um papel maravilhoso. Na prisão da sua doença, a libertação era evidente, manifestada no sorriso, quando a música fazia brotar dos seus lábios melodias de louvor, de início perceptíveis a todos, depois... só aos anjos que nos rodeavam. Descansou a dormir a sesta ao lado do seu grande amor, com um ar tão sereno!

Sobre o meu paizinho posso dizer que, como tão bem o definiu o meu filho, foi “um grande guerreiro”, que “combateu o bom combate, acabou a carreira, guardou a fé”. Durante anos foi o grande suporte da sua esposa, de mãos dadas... até ao fim! Na última vez em que estive ao seu lado, já estava muito longe e cantei-lhe o seu hino favorito, “Jesus Me Transformou”, cuja letra é

um apelo para que a transformação espiritual se torne numa realidade na nossa vida. Entre os seus textos favoritos, o Salmo 46 era o que, no último ano, mais me pedia para lhe ler: “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia.”

O irmão Cipriano Baptista deixa a sua marca, clara e vincada, na Igreja Adventista do Sétimo Dia de Portugal. Decano dos Anciãos da igreja de Setúbal, Pioneiro da mesma, sempre envolvido na sua ação e zelando pelo interesse geral da igreja e da escola local, o Colégio Adventista de Setúbal. Foi membro do Conselho da União Portuguesa e da União Sul-Europeia, deixando aí o seu notável rasto fora de Portugal.

Estimado e respeitado por todos, a sua gentileza, sabedoria e afabilidade ficam no coração de todos os que tiveram o privilégio de lidar com ele. Neste sentido, não posso deixar de partilhar o testemunho do meu marido: “Os meus sogros marcaram a minha vida e o meu crescimento e amadurecimento. Conheci-os nos meus 20 anos, mas desde logo me impressionaram. Pouco mais de quatro anos depois, no próprio dia do casamento com a Guida, passei a tratá-los por ‘Pai Cipriano e Mãe Liliana’. E sempre fui tratado como um filho. Impregnado pela alegria da Mãe Liliana e pela sabedoria e atenção do Pai Cipriano, é com tristeza que atesto a ausência deles, mas com gratidão por terem feito parte da minha vida. Espero revê-los em breve!”

Estou certa de que, neste tempo em que o luto invade muitas casas, em que o medo corrosivo se abate sobre muitas crianças, muitos jovens, muitos adultos

e muitos idosos, é vital libertarmo-nos conscienciosamente! Explico... e talvez por defeito profissional, aqui vai uma prescrição, que logicamente sois livres de aceitar ou não:

– Respirar ar fresco, bem fundo, à nossa janela.

– Hidratarmo-nos bem.

– Comer fruta e legumes todos os dias.

– Contemplar o céu, as nuvens, as plantas, os passarinhos nas árvores da praceta.

– Cantar um hino, por exemplo, o nº 489, “Grande Alegria”.

– Abrir e ler a Palavra da Vida, em silêncio, permitindo que Deus seja conosco hoje, Se sente de um lado e o nosso anjo do outro... uau, que regeneração!

– Falar a alguém de Jesus, de uma forma doce, conciliadora, esperançosa.

– Disciplinararmo-nos a descobrir motivos de gratidão!

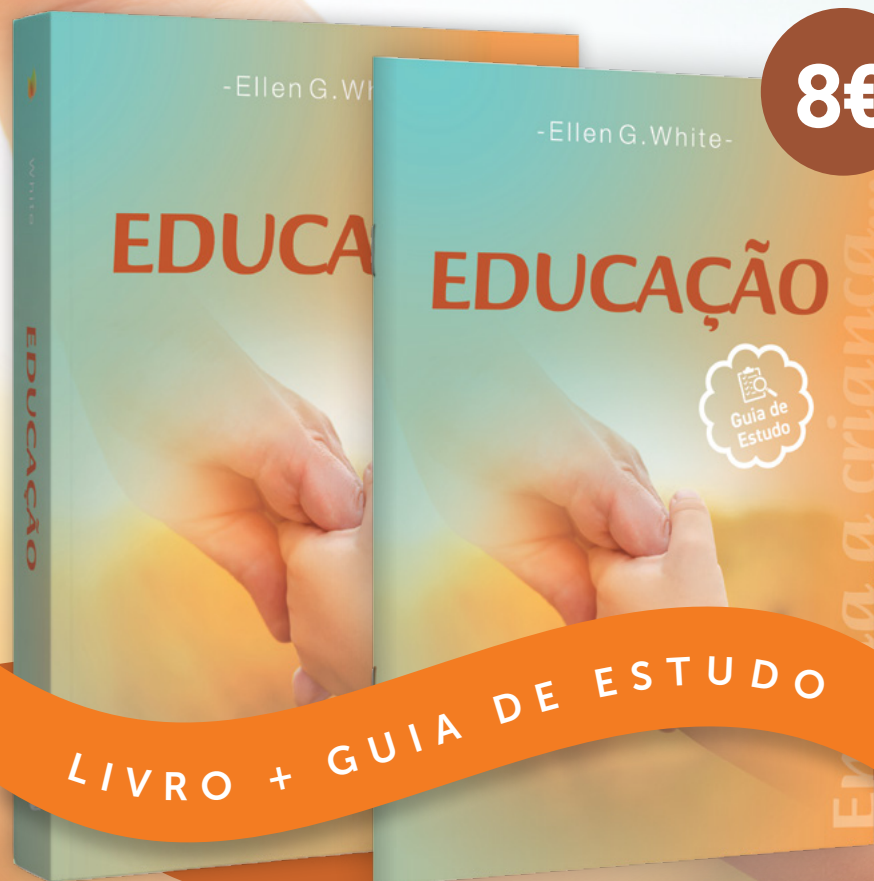
Despeço-me, desafiando-vos a que não desistamos nesta guerra terrível. As promessas de Deus não falharam e nunca falharão! Vamos juntos e, como o bom e saudoso amigo Pastor Ernesto Ferreira dizia, continuemos gratos e felizes.

Maranata, Cristo Vem!



NOVIDADE

8€



LIVRO + GUIA DE ESTUDO



COM O APOIO:



LIGUE 21 962 62 00 | LIVRARIA DA SUA IGREJA
COMPRE ONLINE WWW.PSERVIR.PT

Acompanhe esta e outras novidades através das redes sociais  facebook.com/PSerVir  instagram.com/PSerVir